

ERWIN LUTZER

OS BRADOS DA CRUZ

Uma jornada no interior do coração de Jesus

Vida

Os Brados da Cruz

Erwin W. Lutzer

Categoria: Inspiração
Editora Vida
ISBN: 8573677783

Digitalizado por prnilson

LANÇAMENTO
SEMEADORES DA PALAVRA

www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

SUMÁRIO

Contracapa 3
Agradecimentos 4
Prefácio 5
Introdução 8
1. Um brado por perdão 24
2. Um brado de garantia 39
3. Um brado de compaixão 53
4. Um brado de angústia 65
5. Um brado de sofrimento 80
6. Um brado de vitória 91
7. Um brado de resignação 106
Epílogo 117

CONTRACAPA

Desta vez, o renomado escritor Erwin Lutzer conduz os leitores à maior e mais empolgante das viagens: ao interior do coração de Jesus. Essa jornada percorre sete momentos singulares na vida de Cristo: suas últimas palavras na cruz.

Cada brado não foi proferido em vão. Repletos de significado para todas as gerações, eles ainda guardam a mesma força de quando foram emitidos no Calvário. São brados que exprimem perdão, compaixão, resignação e vitória. Acima de tudo, revelam a plena humanidade de Cristo e seu exemplo de vida em cumprir a vontade do Pai até o último instante de vida.

Os brados vindos da cruz ainda são ouvidos em nossos dias. Clamam ao coração do homem e querem conquistá-lo. Permita que as últimas palavras de Jesus toquem, surpreendam e transformem sua vida. Quando melhor compreendermos o que ela deve significar para cada um de nós.

Quem tem ouvidos ouça!

Erwin W. Lutzer é pastor-titular da Moody Church, cm Chicago, EUA.

É bacharel em Artes pela Winnipeg Bible College, mestre em Teologia pelo Dallas Theological Seminary, mestre em Artes pela Loyola University e doutor em Direito pela Simon Greenleaf School of Law.

Escreveu vários livros, entre eles A serpente do Paraíso, Um minuto depois da morte, 10 mentiras sobre Deus, De pastor para pastor, 7 razões para confiar na Bíblia e A cruz de Hitler, publicados pela Editora Vida.

AGRADECIMENTOS

A Jesus, meu amado Salvador, cuja morte na cruz me reconciliou com Deus e conquistou meu coração. "... que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gl 6.14).

PREFÁCIO

Há uma história sobre um peregrino que seguia seu caminho rumo à Terra Prometida. Ele levava a cruz de seu mestre, fardo que carregava com alegria. No entanto, logo notou que, quanto mais andava, mais pesada a cruz se tornava. Sentindo-se fatigado, sentou-se para descansar e notou que havia um lenhador próximo a ele.

"Meu bom amigo", disse o peregrino, "eu poderia usar seu machado para encurtar minha cruz?". E o lenhador permitiu.

O peregrino seguiu em sua jornada, progredindo mais rapidamente. A cruz estava mais curta, e seu fardo, mais leve. Ele logo avistou a Terra Prometida. Entretanto, ao se aproximar, percebeu que havia um profundo abismo separando-o das glórias existentes do outro lado. Então decidiu usar a cruz para tentar transpor o abismo.

Embora tentasse com unhas e dentes colocar a cruz por sobre o profundo fosso, faltava-lhe o exato comprimento que fora cortado. Naquele momento, o peregrino acordou. Era tudo um sonho. E então, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou a cruz junto ao peito. A cruz estava tão pesada quanto antes, mas agora ele a suportava com a maior alegria. E a suportaria por todo o caminho até a Terra Prometida.

E claro que não entraremos no céu por carregar uma pesada cruz, mas por confiar que somente Cristo é capaz de nos dar a salvação. Dessa forma, ao sermos redimidos, somos chamados para carregar nossa cruz, a fim de entrar na abundância do reino celestial. Bem-aventurados os que carregam todo o fardo que lhes pertence.

A.W Tozer estava certo quando disse: “Aquela parte

de nossa vida que resgatamos da cruz é o cerne de nossos problemas". A parte da cruz que sempre recusamos carregar é justamente a que nos torna inúteis para o Reino de Deus. Quanto mais leve nossa cruz, mais fraco será nosso testemunho.

Este livro foi escrito com a convicção de que, quanto melhor compreendermos o que a cruz significou para Cristo, melhor compreenderemos o que ela deve significar para todos nós. Devemos aprender que para ele a cruz significou algo completamente diferente dos conceitos sentimentais que muitas vezes acompanham o símbolo usado em volta do pescoço. Estar ao pé da cruz é testemunhar o propósito pelo qual Deus criou o mundo. Aqui vemos uma exposição dos atributos de Deus; e, se olharmos cuidadosamente, veremos a nós mesmos, com todas as nossas necessidades, pecados e enganos. Felizmente, é na cruz que Deus opta por retirar a ira de sobre aqueles que humildemente crêem que Cristo levou sobre si todos os pecados.

Não há quem se sinta preparado a escrever um livro sobre a cruz. Assumi essa tarefa ciente de que poderia apenas sondar o mistério sem compreendê-lo por completo. Eu poderia refletir sobre as palavras de Jesus, mas apenas ligeiramente alcançaria o que elas significaram para ele no momento em que sofria. Eu poderia visualizar a cena, mas teria dificuldades em sondar seu significado. Felizmente, o conhecimento, ainda que parcial, é também válido; não temos de entender tudo para compreender algo. Assim, qualquer estudo sobre a cruz nos traz imensas recompensas pessoais.

Este livro é oferecido a você como um presente diretamente de meu coração para o seu. Se você sentir que foi abençoado com a leitura deste livro, sinta-se encorajado e incentivado, mas sejam os agradecimentos todos para o único que é digno de nosso louvor.

E eles cantavam um cântico novo: "Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra" (Ap 5.9,10).

Unimos nossas vozes com a de Fanny Crosby:

Quero estar ao pé da cruz, de onde rica fonte corre franca, salutar, do Calvário monte. Sim, na cruz, sim, na cruz, sempre me glorio e descanso encontrarei salvo, além do rio.

INTRODUÇÃO

UMA JORNADA NO INTERIOR DO CORAÇÃO DE JESUS

Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo.
Mateus 27.31

"Você estava lá quando crucificaram o meu Senhor?"

Quando criança, eu ficava imaginando o que essas palavras poderiam significar. É evidente que o autor do hino tinha a clara intenção de que respondêssemos de forma afirmativa. No entanto, não há dúvida de que eu *não* estava lá quando crucificaram meu Senhor! Nasci séculos após a morte de Jesus. Por cerca de dois mil anos, perdi o acontecimento. Eu também não estava lá quando o colocaram no túmulo nem quando "ressuscitou dentre os mortos".

Todavia, à medida que crescia na compreensão de minha fé, dei-me conta de que eu *estava* lá. Na verdade, se não estivesse lá, não teria hoje salvação.

Pois foi no Calvário que Jesus se tornou judicialmente culpado por nossos pecados. Graças a seu propósito eterno, posso dizer que ele morreu por mim e, ao ter perdoado meus pecados, "se assentou à direita da Majestade nas alturas" (Hb 1.3). Isso significa que aqueles que não estavam lá morrerão por seus pecados.

A cruz é bastante mal-interpretada nos dias de hoje. Isso pode ser comprovado pelo fato de ser quase impossível achar alguém que diga algo negativo a respeito dela. A cruz é usada como pingente por atletas, adeptos do Movimento Nova Era e astros de *rock.* Esse

indescritível instrumento de morte e crueldade é agora símbolo de união, tolerância e espiritualidade de todos os gêneros. O "escândalo da cruz", como diz Paulo, há muito desapareceu, quando a mensagem foi reinterpretada para se adequar à mente moderna. Muitos dos que usam a cruz no pescoço ficariam horrorizadas se compreendessem seu verdadeiro significado.

Por exemplo, deixe-me apresentar-lhes uma mulher de "trinta e poucos anos" que encontrei em um avião a caminho de Cleveland. Minha esposa e eu estávamos sentados juntos, e notei que a mulher sentada do outro lado do corredor usava um colar com uma cruz. Na expectativa de iniciar uma conversa, eu lhe disse:

— Graças a esta cruz, temos realmente um Salvador maravilhoso, não é mesmo?

Surpresa, ela virou os olhos e respondeu:

— Bem, não creio que compreenda a cruz dessa maneira. Veja isto.

Ela tomou a cruz em sua mão e mostrou que por baixo dela havia uma estrela de Davi e, logo depois, um pingente que simbolizava o deus hindu Om.

— Trabalho no serviço de assistência social. As pessoas com quem trabalho vêem Deus de diversas formas. O cristianismo é apenas um dos caminhos para chegar a ele.

Você pode imaginar o debate acalorado que tivemos nos vinte minutos seguintes, sobre a possibilidade de a cruz ser partilhada com outras religiões. Expliquei que a cruz pode ser unida a outros símbolos em um colar, mas nunca na realidade. Quanto mais compreendesse a cruz, mais claramente entenderia que ela precisava estar sozinha. Combiná-la com qualquer outra religião, filosofia ou ideário humano é destruir seu significado. Descobri mais uma vez que o mundo, de maneira geral, fica profundamente escandalizado pela mensagem da cruz.

Quanto mais a massa compreende o que Jesus fez e por quê, mais a cruz é desprezada.

Alguns dos que querem ser reconhecidos como cristãos interpretam a cruz como o mais alto tributo ao valor humano. Raciocinam da seguinte forma: "Já que Deus se dispôs a mandar seu Filho para morrer por nós, isso significa que somos pessoas de grande valor. Por isso, devemos usar a cruz como meio de confirmar nossa dignidade e reforçar nossa auto-estima". Assim, sem perder o respeito próprio, o ser humano pode concluir que tem o direito de ser abençoado por Deus simplesmente pelo fato de ser quem é (humano). A cruz, assim, não será ofensiva para ninguém, nem será estigmatizada como loucura. Recordo-me de uma placa acima do tabuleiro de um vendedor durante um evento no Brasil: "Cruzes baratas à venda".

Pessoas assim não captam a mensagem central da cruz. Não apenas o fato de Jesus ter morrido por nós é importante, mas também a forma que ele morreu. A cruz não era apenas uma forma cruel de assassinato: ela humilhava as vítimas. Era utilizada para executar os mais amaldiçoados. O procedimento, como todas as torturas, acabava com a vítima nua, sem direitos, sem respeito e sem refúgio algum. Logo, a cruz não prova apenas o amor generoso de Deus para com os pecadores, mas também a intensidade de nosso pecado e de nossa rebelião contra ele. Para nós, amar o pecado seria como amar a faca usada para matar uma criança.

Ouça com atenção cada palavra de *sir* Robert Anderson, que escreveu esta poderosa declaração:

> A cruz calou o homem quanto à graça e ao juízo. Pôs abaixo todas as "divisórias" e deixou o mundo repleto de pecadores indefesos, tremendo, à beira do inferno. Todo esforço que puderem empreender por si mesmos será tão-

somente a negação da perdição e também a negação da graça divina que se inclina para abençoá-los onde e como estiverem.

A cruz, corretamente compreendida, não exalta ninguém que não tenha sido primeiramente humilhado. Ela apenas vivifica os que primeiramente "matam". A cruz expõe a futilidade de nosso sentimento de superioridade moral e faz-nos recordar que somos pecadores, incapazes de efetuar nossa reconciliação com Deus. Perante a cruz, podemos apenas ficar com a cabeça baixa e o espírito abatido.

Sim, estávamos lá quando nosso Senhor foi crucificado. Herbert Butterfield escreveu:

> A crucificação, seja lá qual for nossa interpretação, acusa a natureza humana, acusa-nos das mesmas coisas que pensamos ser virtudes nossas [...] Nossa posição quanto à crucificação deve ser a de nos identificarmos com o resto da natureza humana. Devemos dizer: "Nós o fizemos". E a incapacidade de adotar semelhante atitude, no caso dos acontecimentos do século xx, é a causa de nossa absurda falta de condição de lidar com o problema do mal.
>
> A menos que nos vejamos merecedores do veredicto que Pilatos deu a Jesus e a menos que nos vejamos dignos do inferno, jamais entenderemos a cruz. Alguém já disse que, para nós, é difícil abraçar a cruz quando a satisfação pessoal é soberana.

Ao contrário da crença popular, a mensagem central do cristianismo não é o Sermão do Monte nem as parábolas de Jesus que ilustram amor ao próximo. A

mensagem que transformou o mundo do primeiro século era que os seres humanos são culpados, irremediavelmente culpados por pecados que não podem ser compensados. A cruz destrói todo o orgulho e acaba com o valor fundamental do esforço próprio. A cruz é a prova do grande amor de Deus, mas também revela monstruosidade. Por incrível que pareça, os discípulos proclamaram que a humilhante e cruel execução de Jesus foi também o mais assombroso fenômeno salvífico de Deus. Não é de admirar que isso fosse um obstáculo para os religiosos e uma insensatez para os que se consideravam sábios! E não foi à toa que isso mudou o mundo deles.

Outros interpretam erroneamente a cruz, considerando-a uma bandeira a ser defendida, e não um meio de execução. Hoje em dia, estamos afundados no que podemos chamar "cristianismo cultural", doutrina que embrulha a cruz de Cristo na bandeira de qualquer nação. Nos Estados Unidos, pessoas bem-intencionadas equiparam o sonho americano com o sonho de Deus para a nação. Assim, existe um programa político cristão com matizes nacionalistas no que tange à defesa, à liberdade religiosa e aos boicotes de diversos gêneros. Contudo, por mais válidos que sejam esses objetivos, identificados como iniciativas "cristãs", freqüentemente obscurecemos a mensagem que o mundo precisa ouvir com clareza e firmeza. Pergunte sobre a fé cristã a algum cidadão americano comum, e ele lhe dará diversas respostas, muitas vezes fazendo menção a programas políticos. Poucos sabem que a doutrina central do cristianismo é que Cristo morreu na cruz para salvar os pecadores da destruição eterna.

Será que nos esquecemos — nós, cristãos comprometidos — de que o poder de Deus é mais claramente visto na mensagem da cruz que em qualquer projeto político ou social que possamos inventar? A busca do antídoto para nossas míseras desgraças não seria o

sintoma de que perdemos a confiança no poder da cruz para a salvação do ser humano? Será que nos agarramos à cruz com a verdadeira convicção de que ela não é apenas parte de nossa mensagem, compreendendo corretamente seu todo?

E aqui vem o alerta. P. T. Forsythe, ao falar sobre a cruz como ponto central da obra de Deus pelos pecadores, escreveu: "Se você deslocar a fé daquele centro, você *pôs* o prego no caixão da igreja. A igreja é então sentenciada à morte, e é apenas uma questão de tempo até que venha a falecer". A igreja só pode viver e respirar na cruz. Sem isso, não há vida ou razão para existir. Oportunamente proclamada, ela é "o poder de Deus para a salvação".

Outros pensam na cruz com profundo sentimentalismo, mas sem espírito de arrependimento. Na sala de espera de um hospital, conheci uma mulher que meditava nos ferimentos de Jesus, tendo nas mãos um pingente de Cristo crucificado.

— Ele sofreu tanto! É inacreditável! — ela disse com lágrimas nos olhos.

Lembrei-a de que Jesus sofreu pelos nossos pecados.

— Sim — ela respondeu —, mas por que tanto sofrimento? Sofrer por umas poucas mentiras que dizemos e por umas poucas coisas que fazemos de errado?

Aquela senhora — que Deus a abençoe —- chorou pelos sofrimentos de Jesus na cruz, mas não pelos próprios pecados, que o puseram lá. Expliquei-lhe da melhor maneira que pude que, se compreendêssemos a santidade de Deus, não falaríamos sobre "pequenas mentiras" e "umas poucas coisas que fazemos de errado". Por um lado, a maioria das pessoas tem mais que umas poucas e "pequenas" transgressões no currículo. Por

outro lado, o primeiro mandamento diz: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças" (Mc 12.30). Essas palavras condenam a todos nós, pois por natureza nos mantemos preocupados com nossos interesses. Se somente pensarmos em Deus como uma extensão de nós mesmos, concluiremos que nosso pecado não é muito grave. Ravi Zacharias conta que uma nova convertida lhe escreveu dizendo que sempre que lê sobre a cruz cai de joelhos, pensando no amor de Deus. Mas quando lê a respeito do inferno, fica zangada com Deus. Ela aparentemente não percebe que não podemos entender a cruz, a menos que compreendamos o inferno. Sem o inferno, a cruz perde todo o significado.

O sofrimento de Jesus foi terrível, pela simples razão de que nosso pecado *é* terrível. E devemos ter sempre em mente que o sofrimento de Jesus não foi somente físico — o pior não foram as lacerações, a coroa de espinhos e os pregos. O sofrimento espiritual que ele suportou quando a associação com o Pai foi interrompida por três horas na cruz foi o supremo sofrimento, agonia que você e eu jamais experimentaremos.

Tenha em mente que a crucificação — com todos os seus horrores — era comum no primeiro século. Estima-se que os romanos crucificavam 30 mil pessoas por ano. Era a forma de execução normalmente aceita para prisioneiros políticos e criminosos de várias espécies. Esses homens suportaram o mesmo sofrimento físico que Jesus. Mas o cálice que o Pai deu para Jesus beber significa que ele levou sobre si nossos pecados. A grandeza da santidade do nosso Salvador em contato com nossa iniqüidade é o que importa no Calvário.

A VISÃO DE DEUS SOBRE A CRUZ

A cruz estava acima de qualquer coisa para Deus

Pai. Paulo escreveu: "Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. [...] no presente [...], a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.25,26). Na época do Antigo Testamento, Deus aproximou-se de homens como Abraão, Moisés e Davi e de vários outros dos quais os pecados ainda não haviam sido definitivamente removidos. Visto que o sangue de animais era apenas simbólico, Deus optou por salvar essas pessoas em confiança. Esqueceu-se dos pecados para que pudesse ter comunhão com eles, mas o valor do resgate ainda não havia sido pago. Dessa forma, para se certificar de que ninguém questionaria sua justiça, Cristo morreu para pagar a dívida por eles e por nós.

A obediência de Cristo como o Cordeiro de Deus foi preciosa para o Pai. Paulo afirmou que devemos levar uma vida de amor, "como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus" (Ef 5.2). A disposição demonstrada pelo Filho, sofrendo de acordo com o plano divino, foi um sacrifício de aroma agradável a Deus.

Deus agradou-se do sacrifício de seu Filho. "Contudo, foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão" (Is 53.10). Se fizermos a pergunta "Quem matou Jesus?", nossa primeira resposta não deverá ser "Os judeus", ou "Pilatos", e sim "Deus". Deus esmagou seu Filho. Pedro disse que ele foi entregue nas mãos dos judeus "por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus" (At 2.23). Para deixar claro, de acordo com os planos do *Pai, Jesus se crucificou.*

Mas Deus chicoteou seu Filho, enfiou pregos em suas mãos e pés? Sem dúvida que não, essa crueldade foi perpetrada por homens perversos. Ainda assim, aqueles

pecadores realizaram o propósito de Deus. Devemos aceitar como fato o mistério de que a culpa pela morte de Jesus é de pessoas más — e mesmo assim era plano de Deus. Pedro, falando sobre todos os que conspiraram para crucificar Jesus, disse: "Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse" (At 4.28).

Por que o Pai faria tal coisa? John Piper responde: "Ele fez isso para solucionar a discordância entre seu amor por sua glória e seu amor pelos pecadores". Deus não podia simplesmente deixar que o passado ficasse para trás. Assim, antes do início dos tempos, Deus Pai e Deus Filho concordaram em um plano pelo qual a iniqüidade de todos nós seria colocada sobre Jesus. Ele toleraria nosso castigo a fim de que pudéssemos ser absolvidos pelo Pai. O pecado seria apresentado horrível como é, e Deus seria apresentado como o Deus amoroso que é. Na cruz, a santidade inexorável colidiu com o amor, para a mútua satisfação de cada característica.

Hoje, freqüentemente ouvimos dizer que Deus perdoa o ser humano baseando-se no seu amor, não no sacrifício expiatório. A mente moderna, ao procurar justificar o pecado, acha difícil entender que Deus não pode estender sua graça aos pecadores até que a santa justiça esteja saciada. Ontem mesmo, foi-me dito que era arrogância sugerir que um popular líder de uma religião oriental (obviamente um bom homem) fosse proibido de entrar no Paraíso. Mas a resposta bíblica é esta: apenas os que foram protegidos da ira de Deus pela morte de Cristo serão salvos. Ou, para expressar isso de modo mais positivo, somente os que possuem a virtude de Cristo como crédito, poderão entrar na presença de Deus.

Até mesmo no Paraíso, a cruz será lembrada. Quando foi permitido a João vislumbrar os céus, ele chorou, porque não foi encontrado alguém que pudesse abrir o livro que representava o titulo de propriedade do

universo. Mas em seguida lemos:

> Então um dos anciãos me disse: "Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos". "Depois vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos" (Ap 5.5,6).

Um Cordeiro, *que parecia ter estado morto!* Martinho Lutero debatia-se freqüentemente contra a incerteza e o Diabo. Ele estava ciente de que somos facilmente iludidos por causa de uma história sobre são Martinho, a figura histórica que havia inspirado seu nome. A história conta que são Martinho teve uma visão de Cristo. Mas quando olhou para suas mãos, a fim de certificar-se de que lá estavam as marcas dos pregos, os furos desapareceram. Então, ele jamais soube se havia encontrado Cristo ou o Diabo. Existem muitos "cristos" nos dias de hoje, mas eles não possuem as marcas dos pregos. Temos professores e gurus que nos dizem como obter vida mais feliz e produtiva. Ensinam-nos como "entrar em contato com a parte mais profunda de nosso ser" e como ser espiritual sem ser religioso. No entanto, o que milhões não possuem é um Deus com feridas, um Deus que veio ao mundo sofrer por nossa causa, para que pudéssemos ser reconciliados com o Todo-Poderoso. Esse ato fundamental de redenção é tão importante que transformou o imutável. Aliás, o céu está diferente por causa "do Cordeiro que foi morto". O sangue se foi, mas a cicatriz permanece como lembrança de nosso pecado e de sua graça.

> Eu hei de reconhecê-lo, eu hei de reconhecê-lo,
> E redimido ao seu lado eu estarei. Eu hei de

reconhecê-lo, eu hei de reconhecê-lo, Pelas marcas dos pregos em suas mãos.

Ninguém experimentará o favor eterno de Deus se se desviar da cruz. A cruz é a dobradiça sobre a qual gira a porta da história. E o eixo que sustenta unidos os raios dos propósitos de Deus. Os profetas do Antigo Testamento apontaram para ela, e os discípulos do Novo Testamento a proclamaram. Quando nos "agarramos à velha e áspera cruz", como nos incentiva o conhecido hino, não o fazemos por mero sentimentalismo. A cruz é o cerne de nossa mensagem e o coração de nosso poder para combater as trevas invasoras.

CLAMORES DA CRUZ

As últimas palavras são sempre importantes. Mas certamente não existem últimas palavras tão importantes quanto as proferidas por Cristo na cruz. Nelas, vemos seu coração e seu amor pelo povo que estava sendo salvo por ele. Nesses brados, vemos o lado humano de Jesus. Suas feridas não foram tratadas para que as nossas fossem. Suas aflições foram imensas para que as nossas fossem levadas embora. Isaías o descreveu: "Sua aparência estava tão desfigurada, que ele se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano" (Is 52.14). Ele não pôde ser reconhecido como a pessoa que era. Ele foi vítima de falsas acusações e de violência. Seus oponentes instaram com os romanos para que se livrassem dele. E então seus inimigos se sentiram vingados ao ver os pregos, cheirar o sangue e ouvir os gemidos.

Imagine-o despido e preso pelos pulsos a uma coluna no pátio de Pilatos e então açoitado com chibatas que têm bolas de chumbo e lascas de ossos nas pontas. À medida que lhe golpeiam o corpo, formam-se bolhas de sangue, que os repetidos golpes transformam em feridas.

E então, a coroa de espinhos é pressionada contra sua cabeça, e o sangue mistura-se ao cabelo emaranhado. Ele tenta carregar a cruz, mas, quando começa a cambalear, Simão de Cirene é forçado a ajudá-lo. No Calvário, suas roupas são arrancadas, e ele sente "uma dor excruciante, como a de milhões de agulhas quentes, abalando o sistema nervoso". Ele então é colocado sobre a própria cruz, e seus executores batem longos pregos quadrados contra seus punhos. "Ao ter o grande nervo central perfurado, ele experimenta "a dor mais intolerável que um homem poderia experimentar [...] cada movimento do corpo sentindo essa terrível dor".[6]

Mesmo em agonia, Jesus ainda era Rei. Mas ele põe de ponta-cabeça nossa visão de majestade. Leia atentamente as palavras de Brooke Foss Wescott:

> A soberania demonstrada por Cristo na cruz é uma nova soberania. Destruiu para sempre a fórmula da lei do mais forte. Humilhou a petulância do falso heroísmo. Envolveu com uma dignidade que não perece a integridade do sacrifício. Deixou claro para o coração puro que a prerrogativa da autoridade é servir de forma mais abrangente. O Rei divino adquiriu domínio eterno ao morrer.[7]

Aqui está uma resposta para os que perguntam: "Onde estava Deus quando...?". Acompanhe-me em meus estudos e conheça a história de uma jovem que foi violentada pelo pai e, praticamente, jogada nas ruas aos catorze anos de idade. Agora, tendo aceitado a Cristo como Salvador, ela perguntou: "Onde estava Deus quando me encontrava solitária e sofrendo? Onde ele estava quando meu pai, alcoólatra, nos acordava às três horas da manhã e espancava-nos impiedosamente em nossa cama?". Ela disse ainda: "Sei que Deus é meu Pai,

mas parece que ele estava ausente quando mais precisei dele".

Gentilmente, levei-a por uma jornada no interior do coração de Jesus. No sofrimento da cruz, não encontramos apenas o perdão, mas também a cura para nossas mais profundas mágoas. Assim como na cruz, ocorre uma permuta pelos nossos pecados — nossos pecados são creditados a Cristo, e sua justiça é creditada a nós —, nossos fardos emocionais também são transferidos para os ombros dele.

> Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniqüidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados (Is 53.4,5).

Ele tomou sobre si nossas enfermidades.

Isso não significa viver emocionalmente tranqüilos, assim como não podemos viver livres do pecado. Mas podemos ser confortados com a firme convicção de que as piores injustiças da humanidade foram levadas em conta. A cruz foi o maior ato de Deus para nos alcançar, e é aqui que nos identificamos mais intimamente com Cristo. Obviamente, não temos como repetir sua experiência, mas podemos nos identificar com suas feridas. Conforme aprenderemos, Cristo foi abandonado para que fôssemos acolhidos. Ele experimentou o inferno para que pudéssemos experimentar o céu.

Ele morreu para que também fôssemos fisicamente curados? Sim, ele nos redimiu por inteiro — corpo, alma

e espírito. No entanto, seria um erro presumir que podemos ser curados a qualquer momento e que temos o direito de "reivindicar a nossa cura". A Bíblia deixa claro o fato de que não vemos a consumação de nossa redenção nesta vida. Assim como derrotou a morte, ainda que tenhamos de sofrê-la, ele também adquiriu para nós um novo corpo, que aguarda a ressurreição. Os que querem tudo neste mundo enganam multidões que caem vítimas da teologia da prosperidade. Nesta vida, recebemos o perdão pelos nossos pecados e o Espírito Santo como um adiantamento da glória futura. Mas o céu ainda não é aqui. A cura física, embora tenha sido comprada, ainda deve aguardar.

A cruz lembra que nossa auto-condenação deve ter um fim. Já não precisamos ficar lembrando o passado. Não devemos pensar que Deus nos vê como nós nos vemos. Receber o perdão de Deus e estendê-los aos outros é tanto privilégio quanto responsabilidade. Richard Foster escreveu: "Hoje o coração de Deus é uma ferida de amor aberta. Ele sente dor com nosso distanciamento e se preocupa. Lamenta por não nos aproximarmos dele. Entristece-se por termos esquecido dele. Chora ao ver nossa obsessão por querer mais e mais. Anseia pela nossa presença".[8] Ele foi preso por mim, ferido por mim, rejeitado por mim e surgiu em novidade de vida por mim. Dietrich Bonhoeffer estava certo quando disse que a culpa é um ídolo que algumas pessoas se recusam a abandonar. Devemos aceitar com ousadia o que Deus nos oferece, em vez de lhe dar às costas. Alguns acham que estão fazendo um favor a Deus quando se recusam a aceitar seu perdão, raciocinando que ele está tão bravo que prefere não os ver de forma alguma. Pessoas assim insultam a Deus, pois vivem como se a morte de Cristo não fosse o bastante para seus pecados. Não tenha dúvida. Ele é capaz de salvar todos os que optarem por crer. Suas feridas foram a prova de seu amor.

De sua fronte, pés e mãos vem um amor que faz irmãos. Unem-se nele dor e amor, a coroar o Redentor.

Meu computador sublinha, imediatamente, com uma linha vermelha ondulada todas as palavras que contenham erros de grafia. Algumas vezes ele também sublinha palavras corretamente grafadas, mas a linha vermelha só aparece nas palavras que não estão registradas no programa. O computador que estou usando não reconhece a palavra "quebrantamento". Infelizmente, muitos de nós também não reconhecem essa palavra. Sabemos o que é estar quebrado, mas não experimentamos o quebrantamento, palavra que nos lembra que na cruz se acaba toda auto-exaltação, e somos apresentados ao mistério da vontade providencial de Deus para nós. Na cruz, chegamos ao fim da busca egoísta e rejeitamos para sempre a noção de que somos dignos de cooperar com Deus em nossa salvação.

Na África, um incêndio devastou um casebre, queimando rápida e intensamente, e matando todas as pessoas de uma família, exceto uma. Um estranho foi visto correndo para dentro da casa em chamas. Ele tomou um garotinho das chamas, colocou-o em segurança e então desapareceu na escuridão.

No dia seguinte, a tribo reuniu-se para decidir o que fazer com o garoto. Talvez, devido a superstições, deduziram que se tratava de uma criança especial, visto que sobrevivera ao incêndio. Um sábio insistiu em adotar o garoto, mas um homem rico considerava-se mais qualificado. Com o decorrer da discussão, um jovem desconhecido dirigiu-se ao centro do círculo e insistiu em que tinha precedência na adoção da criança. Então mostrou-lhes as mãos, queimadas pelo fogo da noite anterior. Era o homem que salvara o menino e por isso

insistia em que a criança era sua por direito. Da mesma forma, nosso Salvador, com suas cicatrizes, reivindica-nos para si.

> Os outros deuses eram fortes, mas tu eras fraco, Eles cavalgavam, mas tu cambaleaste até teu trono Mas com nossas feridas, somente as feridas de Deus podem falar, E nenhum Deus possui feridas, senão somente tu.

Um Deus com feridas! Jesus não se calou na cruz. Se voltarmos nossa atenção para os brados dele, encontramo-nos em solo sagrado. Os brados de Jesus revelam os mais profundos anseios de seu coração. Aqui, vemos o último ato de sofrimento altruísta. Junte-se a mim em uma jornada que nos fará exclamar: "Veja como ele nos amava!"

1. UM BRADO POR PERDÃO

"Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo"
Lucas 23.34

"Como perdoá-lo se não posso confiar nele?", perguntava uma mulher (que conheci em um cruzeiro pelo Caribe), falando sobre o marido. Não era a primeira vez que a enganara nem a segunda, mas a terceira. Agora ele voltava, pedindo-lhe novamente perdão. Sendo honesto ao confessar o que fizera, ele esperava que o perdão fosse imediato, incondicional e completo. Afinal, a esposa era cristã!

O perdão soa maravilhosamente aos ouvidos, até que tenhamos de perdoar. Como perdoar alguém que continua quebrando as promessas? Por que perdoar alguém que não pede o perdão? E por que deveria ser você a perdoar, quando você foi o ofendido? Deve você perdoar alguém determinado a destruí-lo?

Talvez não haja lugar semelhante à cruz, em que nossas dúvidas sobre o perdão são respondidas com tamanha clareza. O primeiro brado do Salvador foi por perdão para os inimigos.

> "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo" (Lc 23.34).

Durante seu ministério, Jesus freqüentemente perdoava os que necessitavam de misericórdia. "Filho, os seus pecados estão perdoados", disse Jesus ao paralítico (Mc 2.5). Suas declarações causavam uma avalanche de controvérsias, pois seus ouvintes sabiam que somente

Deus podia perdoar pecados. Até mesmo o pecado cometido contra o semelhante é, em última análise, pecado contra Deus. Jesus explicou que possuía autoridade para perdoar pecados, porque detinha credenciais de divindade.

Na cruz, porém, não exerceu essa prerrogativa divina, mas pediu ao Pai que fizesse o que ele, Jesus, havia feito anteriormente. Sacrificado como o Cordeiro de Deus, recusou-se a assumir o papel de divindade. Ele, sem dúvida, era Deus, mas escolheu suspender seus direitos divinos. Identificou-se tão completamente conosco que, temporariamente, abriu mão de sua posição de autoridade. Ainda assim, seu coração preocupava-se com os que haviam instigado e cometido o maior crime da história. Ele orou para que o imperdoável fosse perdoado.

Em seu primeiro brado na cruz, Jesus chamou Deus de "Pai". E o faria novamente em seu último suspiro: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Mas, em meio à agonia, bradou: "Meu *Deus! Meu Deus!* Por que me abandonaste?" (Mc 15.34; grifo do autor). Como veremos mais adiante, foi esse seu momento mais sombrio, tão sombrio que teve repercussões até na natureza, quando a luz do Sol foi interrompida. Naquele momento, o Filho sentiu em si todo o castigo de nossos pecados, e até mesmo o Pai retirou dele sua abençoada presença.

Ele podia chamar Deus de "Pai" enquanto era tratado injustamente. Quando a multidão chegou ao lugar chamado "Caveira" (Lc 23.33), a cruz foi deitada no chão, e ele foi posto sobre ela. Foi nesse momento que começou a oração. O texto grego registra que ele ficou repetindo: "Pai, perdoa-lhes..." (Lc 23.34). Embora preso injustamente e tendo sofrido danos pessoais, ele sabia que podia contar com a presença e as bênçãos do Pai. Também sabia que a oração pelos inimigos seria ouvida.

Todos os discípulos o abandonaram (com exceção de

João, que mais tarde voltou à cena do crime). As injustiças dos inimigos e a traição dos amigos não abalaram a confiança que tinha na presença do Pai. Ele sabia que o Pai poderia tê-lo poupado daquela injustiça. Aliás, sendo a segunda pessoa da Trindade, podia ter escolhido descer da cruz. Mas se salvar dessa maneira não fazia parte dos planos firmados na eternidade. Sendo assim, ficou satisfeito em dizer "Pai", apesar de seus direitos pessoais terem sido insolentemente ignorados e de insultos terem sido proferidos contra ele. Esses sofrimentos não ocultaram a face daquele a quem ele queria agradar.

Warren Wiersbe, pastor da Moody Church, perguntava: "Sua fé é abalada pela perversidade dos pecadores ou pela fraqueza dos santos?". Sim, algumas vezes nossa fé é abalada. Uma mulher cujo marido havia tentado destruí-la, colocando os quatro filhos contra ela, disse: "De forma alguma vejo Deus [...] ele não está em parte alguma nesta situação". Podemos nos identificar com ela, pois todos nós sentimos, em determinados momentos, que fomos abandonados por Deus. Dizemos a nós mesmos que pai algum seria mero espectador enquanto o filho estivesse sofrendo injustamente. Mas o Pai de Jesus Cristo ficou firme ao presenciar a mais absoluta perversidade. Cristo sabia que podia confiar no Pai, mesmo quando a maldade parecesse fora de controle.

Quando o homem deu o pior de si, Jesus orou, não por justiça, mas por misericórdia. Implorou para que seus inimigos não sofressem as conseqüências dos próprios atos de maldade. E orou, não após suas feridas terem sarado, mas enquanto estavam sendo abertas. Palavras de perdão saíam de seus lábios enquanto os pregos eram cravados em seu corpo, quando a dor era mais intensa, quando a aflição era mais aguda. Ele orou enquanto a cruz era baixada no buraco com um tranco. Foi nesse momento, em que os nervos ainda estavam extremamente sensíveis e a dor era inconcebível, que ele,

vítima do maior crime da história, orou pelos criminosos.

Ele podia perdoar porque estava tratando dos assuntos de seu Pai. No Getsêmani, ele orou: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres" (Mt 26.39). Não se tratava de uma investida de Satanás, embora este tivesse tentado adicionar alguns ingredientes na poção. O cálice havia sido entregue a Jesus pelo seu Pai e consistia na tarefa de comprar "para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5.9). Isso significava que o Filho seria cruelmente crucificado e se tornaria "pecado" por toda a humanidade. Ele sorveria do cálice do sofrimento até o fim. O cálice compraria o perdão para aqueles por quem ele agora orava.

Será que podemos dizer "Pai" enquanto estamos sendo crucificados? Será que podemos orar pelo perdão dos que estão tentando nos destruir? Será que temos fé suficiente para deixar o juízo nas mãos de nosso Pai celestial? 'Amados, nunca procurem vingar-se, mas

deixem com Deus a ira, pois está escrito: 'Minha é a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). Na cruz, vemos o autocontrole do Homem que tinha o poder de destruir, mas, em vez disso, optou pelo perdão. Nessas palavras, está a esperança de nossa salvação. Então, acheguemo-nos para escutar mais atentamente o que está sendo dito. Talvez escutemos nosso nome sendo mencionado na súplica.

UMA SÚPLICA POR PERDÃO

Cercado pelo escárnio e enfraquecido pela perda de sangue, seus lábios apenas se moviam. O que ele estava tentando dizer? Estaria gemendo de dor? Estaria murmurando palavras de autocomiseração? Ou estaria amaldiçoando os que o crucificaram? Não, ele tinha uma palavra de perdão para seus inimigos: "Pai, perdoa-

lhes...". Apesar de ser pessoalmente puro, ele foi "contado entre os transgressores" (Is 53.12).)á naquele momento, ele estava levando sobre si os pecados destes e implorando que seu sacrifício também pudesse ser aplicado a eles. Até mesmo isso foi cumprimento de profecia: "Ele levou o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu" (Is 53.12). Ele orou em voz alta para que soubéssemos que estávamos incluídos na oração. Já na noite anterior, no jardim do Getsêmani, ele se lembrara de nós:

> Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste (]o 17.20,21).

A oração iniciada naquela noite continuou na cruz, e ainda hoje ele se encontra à direita do Pai, intercedendo por nós. Esteja certo de que ele nunca se esquecerá de nós.

> Ele consigo leva cinco feridas que sangram
> Recebidas no Calvário.
> Delas se derramam eficazes orações
> Que imploram veementemente por mim.
> "Perdoa-lhe, oh, perdoa-lhe", elas clamam,
> "Tampouco deixa este pecador resgatado morrer!"[3]

Passemos à frase seguinte da oração: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo" (Lc 23.34). Eles ignoravam o delito que estavam cometendo? É lógico que não! Judas sabia que havia traído o amigo; Pilatos

sabia que havia condenado um homem inocente; o Sinédrio sabia que havia subornado testemunhas falsas para sustentar as acusações. Nenhum deles ignorava os crimes dos quais eram culpados, mas ignoravam a *monstruosidade* de seus crimes. Por alguma razão, não sabiam que estavam crucificando o Filho de Deus.

Paulo, o apóstolo, concordou. Ele disse que o conhecimento estava oculto para nós e acrescentou: "Nenhum dos poderosos desta era o entendeu, pois, se o tivessem entendido, não teriam crucificado o Senhor da glória" (1Co 2.8). Se eles soubessem o que agora está claro, teriam reconhecido Jesus como o Messias, o Senhor da glória. O crime deles era muito maior do que poderiam imaginar, devido ao valor infinito daquele a quem condenaram. Estavam conscientes do que haviam feito, mas não de *tudo* que haviam feito.

O Antigo Testamento diferencia o pecado cometido na ignorância do delito cometido deliberadamente. "Todo aquele que pecar com atitude desafiadora [...] insulta o Senhor, e será eliminado do meio do seu povo" (Nm 15.30). O tal pecado de natureza é especialmente perverso, pois, cometido conscientemente, é voluntário e subversivo. Jesus falou de um pecado imperdoável, cometido pela nação de Israel na rejeição persistente e deliberada ao Messias. Obviamente, havia diversos graus de responsabilidade, visto que o povo possuía variados níveis de conhecimento. Para alguns, a rejeição a Cristo foi uma desobediência voluntária.

Compare isso com o pecado cometido na ignorância: "Quando alguém cometer um erro, pecando sem intenção [...] trará ao Senhor um carneiro do rebanho..." (Lv 5.15). Pecados dessa natureza necessitavam de sacrifício, mas não eram tão sérios quanto a desobediência premeditada e desafiadora. Mesmo na época do Antigo Testamento, Deus avaliava o comportamento humano pela postura do coração e pelo nível de conhecimento.

Não nos esqueçamos do fato de que até mesmo os pecados cometidos na ignorância precisam de perdão. Jesus não disse: "Eles não sabem o que estão fazendo, por isso deixe-os ir em paz". Deus jamais rebaixa seus padrões de justiça ao nível de nossa ignorância. Os pecados cometidos na ignorância, ainda assim, são pecados. A culpa dos que crucificaram a Jesus era real e objetiva, a despeito de quanto a compreendessem.

Você alguma vez avançou o sinal vermelho "por ignorância"? Um amigo meu discutiu com um policial, tentando provar que não havia notado que o sinal estava vermelho. Você pode adivinhar quem venceu a discussão. A ignorância não é desculpa em nossa sociedade e também não é desculpa na presença de Deus. Além do mais, os que crucificaram a Jesus *deveriam* saber disso — e *saberiam,* se não tivessem medo da verdade.

Compare o conhecimento deles com o nosso. Eles não sabiam que a ressurreição de Jesus se seguiria à crucificação; não sabiam que a igreja que transformaria o mundo se originaria no Pentecoste; não sabiam que seria escrito o Novo Testamento, o qual explicaria claramente e, em detalhes, os planos de Deus para as eras vindouras. Freqüentemente, perguntam-me se os que pertencem a outra religião e jamais ouviram falar de Cristo serão salvos. Normalmente, essa pergunta é formulada por pessoas que possuem bons conhecimentos acerca de Cristo e podem avaliar suas qualificações. Parecem estar mais preocupadas com os que jamais ouviram falar dele que com a própria resposta com relação a Deus. Mas se a responsabilidade é baseada no conhecimento, os que nasceram em nossa cultura passarão por uma condenação muito maior que os que nunca ouviram falar de Cristo.

Certamente, o pecado demonstra nossa ignorância. Não temos idéia da grandeza de nosso pecado porque não compreendemos a grandeza de nosso Deus. Mas, hoje em

dia, temos menos desculpas que em qualquer outra época. Não temos nenhuma razão para dar as costas ao Salvador, que nos deixou testemunhos óbvios de sua autenticidade.

> Se a mensagem transmitida por anjos provou a sua firmeza, e toda transgressão e desobediência recebeu a devida punição, como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação? [...] Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo distribuídos de acordo com a sua vontade" (Hb 2.2-4).

Conheci um jovem que, audaciosamente, optou por rejeitar a Jesus. Ele fora criado em uma boa família cristã e havia freqüentado escolas cristãs. A culpa dele é maior que a de seu melhor amigo na faculdade, que cresceu sem pais cristãos, sem igreja e sem modelo moral. Ambos são culpados, ambos estão cheios de motivos para buscar a Cristo e ambos estão desprezando a salvação, mas com diferentes níveis de responsabilidade. Arthur Pink escreveu que pessoas assim estão "cegas para a própria loucura".[4]

A RESPOSTA À ORAÇÃO DE JESUS

> "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo."

Essa oração foi respondida? Tenho certeza de que Jesus recebia absolutamente tudo que pedia. Ao contrário de nós, o Filho sempre conheceu a vontade do Pai, de modo que sempre agradava ao Pai dar tudo que seu amado Filho lhe pedia. Foram perdoados todos por quem

Jesus orou. É claro que não quero com isso dizer que todos os envolvidos na crucificação foram perdoados. Muitos morreram em seus pecados, mas aqueles por quem foi feita a oração receberam o perdão.

"Agora encontramo-nos como pecadores aos pés de sua cruz", escreveu Bonhoeffer, "e agora, uma questão de difícil compreensão é solucionada: Jesus Cristo, o inocente, clama enquanto a vingança de Deus sobre os ímpios é cumprida. [...] Aquele que suportou a vingança, somente ele, pode pedir perdão para os ímpios".[5] Nesse ponto, a vingança de Deus foi retirada, para que o perdão pudesse vir da mesma pessoa que orou por isso. Na verdade, Jesus estava orando para que sua morte fosse eficaz sobre quem devia ser.

Alguns dos soldados presentes ao pé da cruz foram perdoados. O centurião, que provavelmente era o responsável pelo suplício na cruz, ficou profundamente perturbado com a escuridão, o terremoto e a ruptura do véu do Templo. Posicionando-se contra a opinião popular, exclamou: "Verdadeiramente este era o Filho de Deus!" (Mt 27.54). Espero vê-lo no céu.

Dentre os judeus de Jerusalém que pediram a crucificação — os que diante de Pilatos gritaram: "Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!" (Mt 27.25) — muitos foram perdoados. Talvez queiramos argumentar que eles não ignoravam o que estavam fazendo. Certamente imaginamos que tais pessoas não eram as que Jesus tinha em mente, pois pareciam saber *exatamente* o que estavam fazendo.

Por incrível que pareça, Pedro acreditava que elas ignoravam a total extensão da própria culpa. Ouçam a pregação: "Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos [...] Agora, irmãos, eu sei que vocês agiram por ignorância, bem como os seus líderes" (At 3.15,17). Por causa de seu sermão, cerca de 2 mil pessoas aceitaram a Jesus como o Messias. Devemos

somar esse número aos 3 mil que responderam à mensagem do dia de Pentecoste, que perfazem 5 mil pessoas (At 4.4). Também lemos que um grande número de sacerdotes confessou a Jesus como Senhor (At 6.7). Tudo isso em resposta a oração de Jesus!

Medite sobre a misericórdia divina! Deus não responsabilizou aqueles criminosos pela morte de seu amado Filho! Vários deles proclamaram: "Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!" (Mt 27.25), significando que assumiriam a responsabilidade pela morte de Jesus pelas gerações futuras. Mas na soberana graça de Deus, o sangue de Cristo foi, em vez disso, aplicado sobre o coração deles! Jim Nance observa que Deus "virou as palavras deles ao contrário, utilizando o sangue de Cristo para a obra mais gloriosa de sua salvação eterna".[6]

Será que Deus perdoou essas pessoas sem que tivessem pedido perdão? Não! A oração não foi feita a favor dos que não queriam ser perdoados, mas dos que buscaram o perdão. Não se tratava de uma oração genérica, que cobria todos os que participaram da crucificação, e sim de uma oração específica por aqueles que Deus salvaria. Não possuímos nenhuma evidência de que Jesus tenha, alguma vez, orado pelo inundo como um todo, e sim de que ele orou por aqueles que, embora ainda não fizessem parte de sua família, um dia passariam a fazê-lo (Jo 17.9).

Se Jesus tivesse descido da cruz, a oração dele não poderia ter sido respondida. As conversões que ocorreram 2 mil anos atrás foram os "primeiros frutos", os quais anunciam o dia em que Israel será salvo. E as conversões dos gentios também foram as "primícias", prenunciando o dia em que nós, os gentios, seremos recebidos nos céus.

RESPOSTAS ÀS NOSSAS DÚVIDAS

Na oração de Jesus, podemos encontrar pelo menos algumas respostas às nossas dúvidas sobre perdão. Existem pecados "imperdoáveis"? A resposta é *não,* pois, se até mesmo o assassinato do Filho de Deus foi "perdoável" para os que buscaram o perdão, logo, todos os pecados são perdoáveis. No dia 9 de fevereiro de 2001, um submarino americano emergiu e bateu em um pesqueiro japonês, o que resultou no afogamento de nove pessoas. Foi noticiado que os pais de uma das vítimas, um rapaz, declararam: "O que aconteceu foi imperdoável". Sabemos o que queriam dizer, pois às vezes o ser humano sente uma perda de forma tão profunda, que perdoar fica além de sua capacidade. Quando a babá é a responsável pela morte da criança, os pais freqüentemente sentem que lhes é impossível perdoar. Mas o que o homem não pode perdoar, Deus pode. A cruz pode reparar o irreparável.

Um homem que havia estuprado quatro mulheres escreveu-me perguntando se poderia ser perdoado. Meu primeiro impulso foi dizer: "No que depender de mim, não!". Mas a resposta é: "Sim". Ele pode ser perdoado por Deus, ainda que as vítimas que tiveram a vida destruída jamais o perdoem. Ele, bem como uma multidão de outros iguais a ele, deve se contentar com o perdão de Deus quando lhe faltar o perdão do homem. Não existe pecado imperdoável para os que se achegam a Cristo em busca de perdão. Mas para os que o rejeitam, todos os pecados são imperdoáveis.

Clarence Cranford escreveu: "Com essa oração proferida na cruz, Jesus construiu uma ponte de perdão, por onde os torturadores, arrependidos, podiam chegar ao Pai".[7] Deus não responsabilizou pelo assassinato de seu precioso Filho, o Senhor da Glória, os que desejavam crer. A oração de Jesus foi respondida, porque a cruz é o próprio Deus nos substituindo. Ele, que não precisava de

perdão, morreu por todos, e, não fosse pela morte dele, estaríamos condenados.

Se você é sempre tentado a pensar que Deus não leva a sério o pecado, olhe para o Calvário. Um amigo contou-me como pregou o Evangelho a uma mulher em um avião, que se considerava correta o suficiente para ir ao céu. Quando ele perguntou o que ela faria se as obras que realizava não fossem boas o suficiente, a mulher respondeu: "Eu diria a Deus que ele deveria maneirar".

A colina da Caveira, como era chamado o Calvário, faz-nos lembrar que Deus não tem como "maneirar". A marcante santidade divina exigia um castigo enorme. E ainda que Deus nos perdoasse por causa de Cristo, não seria essa sua função ou obrigação. Ele nos perdoa por misericórdia imerecida para conosco, cuja correta punição seria o inferno. A cruz é a ponte de amor do Redentor. Nela, atravessamos o abismo que nos separa de Deus, que graciosamente providenciou o perdão para os que crêem. Se não entendermos isso, não compreenderemos o Evangelho.

Então, devemos orar pelos que não pedem nosso perdão? Sim, Jesus orou pelos seus inimigos antes que eles se tornassem amigos. Obviamente, desconhecemos a reação daqueles por quem oramos. Não sabemos se irão buscar o perdão de Deus ou o nosso perdão, caso tenham errado conosco. Ainda assim, Jesus ensinou aos seus discípulos: "Orem por aqueles que os perseguem" (Mt 5.44). Essas são as orientações de Cristo para quando nossos inimigos fizerem conosco o que fizeram com ele. Podemos orar como Jesus: "Perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo", mas diferentemente dele, não sabemos como nossa oração será respondida.

Devemos perdoar os que não nos pedem perdão? Visto que Deus não perdoa os que se recusam a lhe pedir perdão, por que deveríamos agir de maneira diferente? Porque, ao conceder o perdão, ainda que não tenha sido

pedido, depositamos diante de Deus nosso amargor e entregamos os adversários a ele.

Nos relacionamentos humanos, mesmo quando se pede perdão, a reconciliação jamais é uma certeza. "Se o seu irmão pecar, repreenda-o e, se ele se arrepender, perdoe-lhe. Se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes voltar a você e disser: 'Estou arrependido', perdoe-lhe" (Lc 17.3,4). O objetivo do perdão é sempre a reconciliação, ou seja, a união de dois corações amargurados. Porém, mesmo quando o perdão não é pedido, a parte caluniada ainda pode optar por "perdoar", desde que a injustiça seja passada para Deus. Caso contrário, a mágoa e a raiva acabam destruindo a alma humana e entristecendo o Espírito Santo. O autor do delito já causou dor suficiente. A única forma de livrar-se de sua contínua influência é "perdoando", ao entregar a questão a Deus.

Até onde sabemos, Timothy McVeigh, o homem que explodiu o prédio em Oklahoma e assassinou 168 pessoas, morreu sem ser perdoado por Deus e pelos homens. Não havia motivo algum para que os parentes das vítimas lhe concedessem o perdão que ele não queria ou pedira. Mesmo assim, entre os sobreviventes, os que foram capazes de "perdoar", confiando em Deus para o "acerto de contas", serão recompensados com saúde e estabilidade emocional. Assim é o espírito de Jesus.

Mas, onde está a justiça? Como optar pelo "perdão" para um homem que merece um destino pior que a morte? Como abrir mão da ira que, com justiça, busca compensação ou vingança? Jesus também nos ajuda nesse ponto. "Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça" (1Pe 2.23). Jesus pode perdoar sem desistir do desejo de justiça. Ele não sentiu necessidade de ajustar as contas naquele momento e entregou seu problema ao Juiz do Universo, aguardando o veredicto

final.

Dois mil anos se passaram, e os que maltrataram a Jesus e rejeitaram seu perdão — criminosos — ainda não foram levados à justiça. Mas está chegando o dia em que estarão diante do Pai daquele que foi tão cruelmente martirizado. Jesus contentou-se em aguardar por esse dia, pois não havia hesitação em sua fé na justiça do Pai. Sim, nós também podemos confiar naquele que julga com justiça.

A mulher abandonada pelo marido por causa de uma amante; a adolescente que teve a infância roubada ao sofrer abusos do pai; o irmão que foi passado para trás na herança por um parente inescrupuloso — esses, e outros semelhantes a eles, devem entregar a mágoa a Deus. Devem contentar-se com a certeza de que casos assim ainda serão julgados no *verdadeiro* e supremo tribunal.

Devemos perdoar todos os que nos pedem perdão? E, mesmo quando duvidamos da sinceridade, podemos acreditar em suas razões? A resposta é *sim,* pois não podemos ver o coração humano. Jesus disse aos discípulos que eles deveriam estar dispostos a perdoar diversas vezes — "setenta vezes sete" — se quisessem compreender o perdão divino. No entanto — e isto é importante — o perdão deve, mais uma vez, ser distinguido da reconciliação. A mulher pode perdoar o marido adúltero, mas isso não a obriga a acreditar cegamente em seu modo de vida. Para que isso aconteça, será necessário algum tempo, aconselhamento psicológico, prestação de contas etc. Recuperar a confiança de alguém é um processo longo e freqüentemente difícil.

Onde o pecado não é levado a sério, o perdão é recebido de forma leviana. Até mesmo o arrependimento sincero deve ser atualizado pela disciplina e com uma entrega diária a Deus. Toda a nossa vida deve ser

caracterizada pelo arrependimento. Nenhum ato de arrependimento em si garante uma vida de obediência a partir do perdão.

O primeiro brado *da cruz* ecoa a única palavra sem a qual não podemos ser salvos: perdão. Tanto naquela época quanto agora, ele é livremente concedido aos que o recebem humildemente. Afortunadamente, a morte de Jesus fez que a resposta a essa oração se tornasse uma realidade.

2. UM BRADO DE GARANTIA

"Hoje você estará comigo no paraíso."
Lucas 23.43

Todos nós achamos difícil conversar com quem está à beira da morte, especialmente sobre a morte iminente. As enfermeiras contam que amigos e parentes adotam um código de silêncio, evitando falar no assunto sobre o qual o amigo moribundo gostaria de conversar. Quando o homem que havia sido meu médico estava prestes a morrer devido a um câncer, eu soube que não era hora para superficialidades. Debrucei-me sobre sua cama e sussurrei quase que diretamente em seu ouvido:

— Doutor, você tem de aceitar a Jesus como seu Salvador.

Ao que ele respondeu:

— Eu sei que tenho, mas não sei como.

Eu sei que tenho, mas não sei como! Naquela tarde, Deus deu-me o privilégio de lhe mostrar "como", e nas poucas semanas que lhe restavam ele não apenas teve a certeza de que iria para o céu, como também quis que lessem a Bíblia para ele. Teria sido muito melhor se ele tivesse conhecido a fé em Cristo no início da vida, mas, felizmente, a graça de Deus é concedida até mesmo aos que estão no limiar da morte. Sim, antes tarde do que nunca.

Se fôssemos o centurião responsável pela crucificação, teríamos posto os dois ladrões próximos um do outro e Jesus mais afastado. O soldado romano provavelmente não tinha a menor idéia do motivo pelo qual ajeitara as cruzes naquela posição, mas estava

cumprindo uma antiga profecia: "Ele [...] foi contado entre os transgressores" (Is 53.12). Deus decretou que ele, que era o mais santo, deveria morrer entre os mais profanos. Jesus não apenas morreu entre criminosos, mas foi considerado um deles, e nisso está a essência do Evangelho.

Deus tinha suas razões para decretar que Jesus fosse crucificado entre dois bandidos. Queria demonstrar a intensidade da vergonha que seu Filho estava disposto a suportar. No nascimento, foi cercado por animais, e agora, na morte, por criminosos. Não permita que ninguém diga que Deus se manteve fora da ruína de nosso mundo decadente. Ele desceu para que pudéssemos subir com ele em novidade de vida. Mas, voltemos ao que estávamos examinando.

Nossa atenção volta-se para os dois homens crucificados ao seu lado. Um deles, em particular, merece especial consideração, por ter recebido a promessa de que devemos participar se formos morar no céu com nosso Senhor. Aqui, encontramos segurança para os que estão morrendo de câncer nas enfermarias de hospitais e também esperança para o forte e para o saudável, que poderão um dia encontrar a morte de forma repentina. Aqui há esperança para o pior e maior dos pecadores.

Que dia teve aquele ladrão! Pela manhã, ele estava sendo, com justiça, crucificado. Ao anoitecer, foi recebido no Paraíso por Jesus!

Pensemos nessa história.

SUA SITUAÇÃO

A ficha desse homem mostra que se tratava de um criminoso profissional, um ladrão "osso duro de roer" que, de início, se juntou aos inimigos de Jesus para ridicularizá-lo: "Igualmente o insultavam os ladrões que

haviam sido crucificados com ele" (Mt 27.44). Sua atitude era semelhante à de seu parceiro no crime, suspenso do outro lado de Jesus. Não sabemos qual dos dois era o mais pecador, mas ambos podiam ter constado na lista dos mais procurados de Jerusalém.

Sendo tão ruim, ele representa todos nós. Poderíamos rejeitar tal idéia, argumentando que não somos ladrões, não assaltamos bancos nem arrancamos bolsas de velhinhas que caminham pela rua. Mas a honestidade exige a admissão de que todos nós roubamos a Deus. Suponha que você foi nomeado por uma empresa de Nova York a fim de representar os interesses da empresa em Chicago. Todos os meses, mandam-lhe seu cheque, o qual você, de bom grado, assina e embolsa. Só que, na verdade, você jamais trabalhou para essa empresa, e sim em prol de outra. Isso não seria roubo?[1]

Esse exemplo nos descreve de maneira exata. Deus nos dá a vida, talentos, habilidade de ganhar dinheiro, amigos e ainda assim glorificamos a nós mesmos em vez de glorificá-lo. Em vez de glorificar a Deus, vivemos para nós mesmos e, involuntariamente, servimos os interesses egoístas de Satanás. Se parássemos de fazer comparações entre nós mesmos e sujeitássemos nosso histórico diante da face de Deus, veríamos que não somos muito melhores que o ladrão que se juntou aos amigos que estavam zombando de Jesus.

Esse homem não tinha nenhuma expectativa. Era muito tarde para um novo começo, muito tarde para esperar que suas boas ações sobrepujassem as más. O escritor Arthur Pink comenta: "Ele não tinha como trilhar as veredas da virtude, pois tinha um prego atravessado nos pés. Não tinha como realizar nenhuma boa ação, pois linha um prego atravessado nas mãos. Não tinha como virar a página e seguir vivendo uma vida melhor, pois estava morrendo".[2] No entanto, a impossibilidade não é uma maldição, se nos atrair para o único que pode nos

ajudar. Na verdade, se não estivermos indefesos, não temos como ser salvos.

Lá na cruz, esse homem — que Deus o abençoe! — teve o coração transformado.

SUA NOTÁVEL FÉ

E muito provável que o ladrão não tivesse visto Jesus até aquele dia. Quando os três homens foram pregados na cruz, ele pensou que Jesus fosse apenas outro criminoso. Quando as cruzes foram erguidas e fincadas nos buracos, o ladrão não tinha motivo algum para acreditar que se encontrava na presença da Majestade. O Gólgota era o lugar onde morriam os criminosos. Não era lugar para encontrar a Divindade.

O que o fez mudar de idéia? Podemos supor que, em primeiro lugar, ele ouviu Jesus orar: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo" (Lc 23.34). Ele não pôde esquecer aquelas palavras, pois somente um homem que conhecesse a Deus podia suplicar ao Pai o perdão para outras pessoas. A oração penetrou em sua consciência, e ele percebeu a estupidez e a cegueira do próprio coração. Reconheceu que também precisava de perdão.

Ele então ouviu a infeliz afirmação da multidão: "Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo!" (Mt 27.42). As palavras foram ditas para desafiar e ridicularizar Jesus, mas o ladrão pensou: "O que eles querem dizer com 'salvou os outros'?". Conforme a multidão ia repassando suas palavras e seus milagres, o criminoso começou a ponderar sobre a zombaria que fizera e começou a perceber que podia estar justamente na presença do Salvador.

Além disso, Pilatos escreveu o que alguém chamou "panfleto evangélico", pregando-o na parte superior da

cruz. Era habitual escrever o crime do crucificado em uma placa para que os passantes pudessem ver o motivo da execução. Pilatos escreveu: "Este é o Rei dos Judeus" (Lc 23.38). Alguns protestaram: "Não escrevas 'O Rei dos Judeus', mas sim que esse homem se dizia rei dos judeus" (Jo 19.21). Mas Pilatos, em um raro enlevo de coragem, não mudou de opinião, e a placa foi posta no lugar.

Quando Jesus desfilou pelas ruas de Jerusalém, a placa o acompanhou. Já na cruz, o ladrão pode ter lido a frase ou, mais provavelmente, tê-la ouvido em meio à zombaria. De qualquer forma, agora acreditava que Jesus era o Rei, pois implorou: "Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu *Reino"* (Lc 23.42; grifo do autor). Inacreditavelmente, Deus fez nascer a fé no coração daquele homem.

Pense nisso! Ele creu em um momento no qual Jesus estava aparentemente sem condições de salvar quem quer que fosse. Na verdade, aparentemente ele mesmo precisava ser salvo! Jesus estava suspenso como uma vítima indefesa, não como um rei. Quando você precisa de salvação, não recorre a alguém na mesma situação. Quando você precisa de salvação, não recorre a alguém que esteja morrendo em desgraça. O bom senso nos diz que o Salvador deve estar acima do destino dos mortais.

Que salvador usaria uma coroa coberta de sangue? Que salvador teria a barba arrancada pela raiz? O corpo de Jesus estava em colapso. Os cravos haviam rasgado seus pés e mãos. Seu queixo estava apoiado no peito, exceto quando reunia forças suficientes para levantar a cabeça e respirar. Que visão chocante! E, apesar de tudo, o ladrão creu!

Um Messias que podia ser assassinado pelos inimigos não era o que os judeus procuravam. As especulações acerca do Messias diziam que ele afugentaria

os romanos que ocupavam a terra, estabelecendo um reino. Quando Jesus explicou aos seus discípulos que deveria ser crucificado, eles ficaram pasmados. E, naquele dia, até mesmo os que acreditavam nele tiveram dúvidas. Ao mesmo tempo em que o sangue escorria do corpo de Cristo, a fé escoava do coração de seus seguidores. Ainda assim, o ladrão creu!

O ladrão acreditou antes que as trevas caíssem sobre a terra, antes do terremoto e antes que o véu do Templo fosse rasgado em dois. Ele creu sem ter provas da ressurreição ou da ascensão de Jesus Cristo. Ele creu sem ver Jesus andar sobre as águas, alimentar multidões ou transformar água em vinho. Por mais improvável que fosse, ele creu.

Arthur Pink nos desafia com esta pergunta: "Como explicar o fato de esse ladrão moribundo ter aceitado um homem crucificado e sangrando como seu Deus?". Não se pode achar a resposta a essa pergunta pela análise psicológica do indivíduo. A resposta é encontrada na misericórdia imerecida de Deus. O Espírito Santo atraiu seu coração delinqüente para o homem da cruz do meio. E ele creu.

A jornada de fé do ladrão começou quando ele repreendeu seu parceiro no crime: "Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça..." (Lc 23.40,41). Sua consciência, uma vez despertada, dizia-lhe que temesse a Deus, pois o julgamento estava próximo. Ele honestamente admitiu que estava sofrendo "com justiça", ou seja, estava tendo o que merecia. Não se justificou nem apresentou desculpas. O máximo que podia fazer era esperar que seu companheiro do outro lado também admitisse os próprios pecados.

Lutando com cada palavra, voltou-se e disse a Jesus: *"Lembra-te* de mim quando entrares no teu Reino" (Lc 23.42; grifo do autor). Ele não pediu para ser honrado

quando Cristo entrasse em seu Reino. Pediu apenas para ser lembrado. Era um pária na sociedade, alguém que a família e conhecidos ficariam felizes em esquecer. Seu pedido foi modesto — *"Lembra-te* de mim" —, mas que honra seria ser lembrado por Deus.

Sua fé era corajosa. A multidão caçoava de Jesus. Os agitadores o insultavam: "Se você é rei, onde está seu reino?". E ainda: "Se você é rei, desça da cruz!". O ladrão foi contra o consenso. Rechaçou o crescente clamor de vozes que poderia tê-lo desviado do caminho. Um amigo meu disse que só aceitaria a Cristo como seu Salvador se fosse morar longe da família e dos amigos. Achava que o escárnio e a rejeição seriam insuportáveis. Só admitiria crer em segredo. Não é de admirar que se diga que o inferno está cheio de "covardes e incrédulos". Mas o ladrão não se importou com a opinião dos outros. Ele creu.

SEU MARAVILHOSO FUTURO

Jesus excedeu, e muito, as expectativas do ladrão arrependido. "Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso" (Lc 23.43).

O encontro entre eles ocorreria *naquele mesmo dia.* A frase "você estará comigo" descreve a comunhão da qual desfrutariam. A maior bênção para o cristão encontra-se no fato de que Deus nos chamou "à comunhão com seu Filho Jesus Cristo" (ICo 1.9). Na noite anterior, Jesus fizera uma promessa semelhante aos seus amigos mais próximos: "Se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver" (Jo 14.3). Inacreditavelmente, o ladrão recebeu a mesma promessa que os discípulos! Ele estava tão seguro nos braços de Jesus quanto estaria se tivesse servido ao Senhor desde a juventude.

O fato de Jesus ter ou não descido ao Hades, como

ensina o *Credo dos apóstolos,* é debatido por teólogos. Se fez isso, foi por um curto período, pois havia prometido ao ladrão que estariam juntos naquele mesmo dia. Alguns colegas — que Deus os abençoe! — acreditam no "sono da alma", conceito que defende a idéia de que a alma dorme inconsciente até o dia da ressurreição. Mas essa doutrina não está fundamentada nas Escrituras, e sim nos escritos de uma suposta profetisa, a qual não é considerada confiável por muitos. Aqui não há lugar para teorias sofisticadas ou jogos de palavras. Jesus disse: *"Hoje* você estará comigo no paraíso" (grifo do autor).

Naturalmente, Jesus morreu antes do ladrão e estava pronto para recepcioná-lo no local de habitação eterna. Spurgeon escreveu que "esse homem que foi seu último companheiro na terra" foi também seu "primeiro companheiro nos portões celestiais".[5] O ladrão esteve com ele na condenação e, algumas horas mais tarde, estava com ele na eternidade. Se o Cristo agonizante pôde dar ao ladrão a promessa de salvação eterna, pense no que o Cristo vivo pode fazer!

Ainda que eu corra o risco de ser mais claro do que deveria, deixe-me apontar os seguintes fatos sobre a salvação do ladrão:

Ele não fez uma parada no Purgatório, a caminho do Paraíso.

Ele não era batizado.

Ele não recebeu os últimos ritos da Eucaristia.

Ele não pediu à Maria, que estava em pé diante da cruz, ajuda para se aproximar de Jesus.

Para dar mais ênfase à promessa, Jesus iniciou com a frase "Eu lhe garanto". Era uma nota promissória expedida pelo Banco do Céu, tão digna de confiança quanto o homem que a assinava. Suspenso em aparente desamparo, Jesus ainda controlava os portões do Paraíso. Ele tinha o poder de fazer promessas e julgar o

culpado. Jesus jamais desempenhou o seu papel de Rei de forma tão autêntica quanto naquele momento.

SUA FÉ É TESTADA

Coloquemo-nos na situação do ladrão que agonizava. Ele ouvira a promessa dos lábios de Jesus, porém mais tarde, ao meio-dia, as trevas se espalharam por toda a terra. Ele ouve o Salvador, que acabara de encontrar, bradar: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" (Mt 27.46). Depois disso, ocorreu um terremoto, e as pedras se partiram ao meio. "Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram" (Mt 27.51).

Ao ver a escuridão e ser sacudido pela terra que tremia sob si; ao ouvir o brado de agonia da mesma pessoa em quem havia acabado de depositar sua confiança, ondas de dúvida cobriram sua fé. Talvez, no fim, seu Salvador não o pudesse salvar! Como poderia conduzir pecadores à presença do próprio Deus, se este o havia abandonado? Como podia falar com autoridade sobre o céu, quando, aparentemente, não conseguia controlar o caos sobre a terra?

Com ou sem dúvidas, a promessa de Jesus ainda era válida. Ainda que a fé do ladrão houvesse desaparecido naquelas três horríveis horas, seu destino estava assegurado. Jesus havia falado, e isso era tudo que importava. "Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele" (Jo 3.36).

Conheço cristãos que sofrem do mal de Alzheimer, que nem sequer conseguem lembrar que confiaram em Cristo como Salvador. Outros, com as faculdades mentais em pleno funcionamento, passaram por enorme aflição emocional com a aproximação da morte. Um missionário

que passou vários anos no trabalho de evangelização enfrentou uma morte torturante em função de um câncer. Suas falsas esperanças e seus sonhos não realizados acabaram com sua fé. Ele morreu acreditando que havia sido abandonado por Deus. Suas últimas palavras foram: "Sinto-me aprisionado".

William Cowper (1731-1800), poeta que amava a Deus e se converteu em tenra idade, sofria de problemas mentais. Durante seus acessos de depressão, acreditava estar condenado. Certa vez, ao entardecer, escreveu:

> Deus age de forma misteriosa
> Nas maravilhas que realiza.[6]

Ainda assim, naquela mesma noite, Cowper tentou se suicidar. E, quando falhou, acreditou estar mais "condenado que Judas". Mas todos que o conheciam davam testemunho de seu profundo amor a Deus e ao Evangelho. Ele acreditava apaixonadamente em Cristo, e, no fim, isso é tudo que importa. As confusões de seu estado mental não invalidavam a promessa de Jesus, e é sua promessa que vale.

Deixe que o ladrão desanime; que tenha receio; que venha a pensar que aquele em quem havia depositado sua fé não tinha como cumprir a promessa — isso não importa. Deus havia falado. Naquele dia, ele estaria com Jesus no Paraíso. E, quando ele escutou a oração final de Jesus — "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46) —, sua fé foi indubitavelmente restaurada. O sofrimento agora era suportável, pois seu terrível dia logo teria um fim.

Essa extraordinária história traz-nos algumas lições.

LIÇÕES TRANSFORMADORAS

Lembremo-nos de que ambos os ladrões oraram, mas apenas um foi salvo. O outro ladrão disse: "Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!" (Lc 23.39; arc). O homem agonizante pensou: "Se Jesus é rei, por que deixaria de exercer sua soberania, salvando os três que estão sendo crucificados hoje?". Esse ladrão queria estender a vida na terra por mais alguns dias ou anos. E se Jesus tivesse ouvido a oração dele e salvado a si mesmo e aos outros dois? Ele teria cancelado o plano de Deus e não poderia salvar ninguém mais. O problema desse ladrão é que ele se importava apenas com esta vida, não com a próxima. "Ele não sentia qualquer arrependimento pelos seus pecados, apenas a aflição de estar sofrendo as conseqüências de seus atos".[7] Jesus morreu para que o ladrão perdoado pudesse estar no Paraíso e para que você e eu possamos estar com ele no futuro.

Jesus foi contado com os transgressores, para que você e eu pudéssemos ser contados com os redimidos. Embora fosse pessoalmente puro, foi considerado transgressor tanto por Deus quanto pelo homem. Ele sofreu o que não merecia, ou seja, o nosso pecado, e nós tivemos o que não merecíamos, ou seja, sua justiça. "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2Co5.21).

Os ladrões tiveram a mesma oportunidade. Ambos ouviram as palavras de Jesus: "Pai, perdoa-lhes". Ambos sabiam que Jesus estava sendo ridicularizado por afirmar ser o Rei dos judeus. Ambos ouviram o que diziam os inimigos de Jesus: '"Salvou os outros', diziam; 'salve-se a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Escolhido'" (Lc 23.35). Mesmo assim, ambos estarão separados para sempre, cada um com seu destino. Mesmo enquanto você lê estas palavras, um está na presença de Deus, e o outro, em um

lugar de isolamento, tristeza e terror. O que os separou não foi a intensidade do mal que praticaram nem o distanciamento que tinham de Cristo. Eles estão separados porque um pediu ajuda a Cristo, enquanto o outro o ridicularizou.

Esses ladrões representam toda a raça humana. Em última análise, o mundo não é dividido geográfica, econômica ou racialmente. Não podemos traçar uma linha separando as pessoas mais ou menos boas das mais ou menos más. Todas as raças, nações e culturas estão divididas pela cruz. De um lado, estão os que crêem, do outro, os que optam por se justificar, determinados a entrar na presença de Deus por conta própria. O céu e o inferno não são lugares distantes, estão próximos de nós. Tudo depende de como nos comportamos com Jesus.

Por fim, caro leitor, hoje é o dia para crer em Cristo. Alguns vêem o ladrão como exemplo de "conversão no leito de morte", e conheço pessoas que acreditam que algum dia também crerão, mas logo antes de morrer. No entanto, poucos, muito poucos são salvos nas últimas horas ou dias de vida na terra. Um puritano, ao comentar a conversão do ladrão que ocorreu no momento de sua morte, com perspicácia falou: "Esse caso está registrado para que ninguém se desespere, somente aquele que ninguém poderia imaginar".

Warren Wiersbe observa que o ladrão não foi salvo na última oportunidade, e sim na primeira. Ele não estava presente quando Jesus transformou água em vinho nem quando Jesus acalmou a tempestade ou alimentou as multidões. Não ouviu o Sermão do Monte nem as palavras que Cristo disse ao paralítico: "Os seus pecados estão perdoados". Aquela foi a primeira oportunidade para acreditar em Cristo.

Existem duas grandes razões para não perdemos tempo em aceitar a Cristo como nosso Redentor pessoal.

Primeira: não sabemos a hora em que morreremos. Nem todos recebem aviso. Nem todos morrem de doenças terminais ou permanecem conscientes depois de um acidente de carro. Milhões de pessoas morrem de forma repentina, sem ter ao menos um minuto para pensar sobre seu relacionamento com Deus. Segunda: a maioria dos que rejeitam o Evangelho quando estão saudáveis continuará rejeitando quando chegar a hora da morte. Conforme ficamos mais velhos, ou nosso coração é atraído mais para perto de Cristo ou é impelido a se afastar mais e mais dele. É impossível permanecer neutro.

O ladrão que não se arrependeu comprova essa teoria. Veja-o lá na cruz, sofrendo indizível agonia. Ele sabe que está a ponto de morrer. Seu amigo o ajudara a ter consciência de seus grandes pecados. E, ainda assim, por incrível que pareça, ele zomba de Jesus em seu último suspiro! Como a maioria das pessoas, morreu da mesma forma que viveu. Não é de admirar que o escritor de Hebreus tenha perguntado: "Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação?" (Hb 2.3). Obviamente, não há escape.

Já o ladrão arrependido nos dá a esperança que todos buscamos. Ainda que tivesse muitos pecados, tornou-se uma testemunha da imerecida graça de Deus. Ele é a prova de que um ato de fé pode salvar até mesmo o pior dos pecadores. Na verdade, a questão não está no tamanho de nosso pecado, mas em nossa disposição para crer, a qual determina nosso destino.

William Cowper, embora atormentado pelas dúvidas, compreendeu que, se o ladrão pôde ser salvo, todos nós podemos ser salvos também. Ele escreveu um hino intitulado *There is a fountain fdled with blood [Há uma fonte cheia de sangue}*. Uma de minhas estrofes favoritas diz:

Agonizante, o vil ladrão, contrito, achou na cruz
a mais perfeita redenção na graça de Jesus.

O perdão dado ao ladrão lembra-nos que há mais graça no coração de Deus que pecado em nosso passado. Nós, da mesma forma que ele, também podemos ser bem recebidos na eternidade. Basta transferirmos nossa confiança para aquele que guarda as chaves do Paraíso.

3. UM BRADO DE COMPAIXÃO

"Mulher, eis aí o teu filho [...] Eis aí tua mãe..."
João 19.26,27; arc

Esteja certo disto, senhor, quando um homem sabe que será enforcado em duas semanas", escreveu Samuel Johnson, "isso o faz concentrar-se maravilhosamente". Se há um momento no qual se espera que o homem pense somente em si, é a hora da morte. A consciência de que a eternidade está à espera liberta a mente de quase todos os pensamentos de ansiedade. E se os espasmos de morte forem particularmente dolorosos, é natural que a vítima se concentre exclusivamente em suas necessidades mais imediatas.

Jesus, suspenso na cruz, pensou nos outros. Antes que a presença de Deus se afastasse e as trevas se espalhassem sobre a terra, Jesus tomou providências com relação a sua mãe. William Barclay escreveu: "Há algo de infinitamente comovente no fato de que Jesus, na agonia da cruz, no momento em que estava em jogo a salvação do mundo, pensasse na solidão de sua mãe durante o tempo em que lhe seria tirado". Ele, até o fim, continuou sendo um dedicado primogênito.

Podemos presumir que José, que era pai de Jesus no aspecto legal, estava morto havia um bom tempo. Foi mencionado pela última vez quando Jesus ficou para trás em Jerusalém aos doze anos de idade. Ao retornar, seus pais o encontraram discutindo a Lei com os mestres (Lc 2.46). Após esse episódio, José sai de cena, apesar de Maria ser mencionada diversas vezes durante o ministério de Jesus. Sendo o filho mais velho na casa de uma viúva, tinha a obrigação de cuidar dela.

Enquanto Jesus falava, os soldados sorteavam a roupa de baixo dele. "'Não a rasguemos', disseram uns aos outros. 'Vamos decidir por sorteio quem ficará com ela'" (Jo 1 9.24). Os homens judeus normalmente vestiam cinco peças de roupa. Quando lemos que os soldados dividiram suas roupas "em quatro partes [...] restando a túnica" (Jo 19.23), isso não quer dizer que as rasgaram, mas que dividiram as quatro peças entre si. Mas tinham de decidir quem ficaria com a quinta veste, a túnica sem costura. Essa túnica era normalmente entregue ao filho pela mãe. Uma tradição diz que Maria entregou essa túnica a Jesus quando ele saiu de casa. Talvez a história seja verdadeira.

Charles Swindoll chama a atenção para o fato de haver uma aparente associação entre as palavras de Jesus e o que faziam os guardas. Imediatamente após os soldados lançarem a sorte pela túnica de Jesus, lemos: "Perto da cruz de Jesus [estava] sua mãe" (Jo 19.25). A seguir vêm as palavras de Jesus a Maria e João.

Swindoll escreve: "Por que naquele momento? Ela havia estado lá o tempo todo, assistindo e chorando. Por que ele não a havia reconhecido ou falado com ela? Teria sido por causa da túnica sem costura? Creio que sim. Suas vestes externas não tinham qualquer significado [...] Mas quando eles tocaram na túnica, tocaram algo muito próximo de seu coração — a veste que Maria havia feito para ele".[3] A tese de Swindoll é a de que Jesus olhou para a mãe quando os soldados começaram a disputar a túnica. As palavras gentis que agora saíam de seus lábios eram cheias de amor, piedade e nostalgia.

Já vimos que João voltou para estar ao pé da cruz e assistir ao sofrimento e à morte de seu Mestre. Embora estivesse sentindo uma dor indescritível, Jesus passou a conversar com ele e com sua mãe, que se encontrava próxima dali com mais três mulheres. Ele já não poderia mais cuidar dela, pois a natureza de sua relação seria

alterada para sempre. Escutemos atentamente cada palavra.

"Aí está o seu filho" (Jo 19.26).

Ele falou com o queixo apoiado no peito, com os olhos fixos no chão. Apesar de ele ser filho de Maria, não estava se referindo a si mesmo. Nessa hora ele usou a palavra "filho" referindo-se a João, "o discípulo a quem Jesus amava" (Jo 13.23). Ela teria de "adotar" João como filho. João iria preencher da melhor forma possível o vazio e a dor provocados pela morte de Jesus. Maria estava perdendo um filho, mas ganhava outro.

Ele mal havia conseguido expressar essas palavras, quando outro gemido deixou seus lábios ressecados. Ele esforçou-se para ser ouvido e tentava olhar na direção de João.

"Aí está a sua mãe" (Jo 19.27).

João recebeu a missão de cuidar de Maria, como se ela fosse sua mãe.

O AMOR DE MÃE

Por alguns instantes, coloquemo-nos no lugar de Maria, que foi escolhida para dar à luz ao Filho de Deus. Após a visita do anjo, ficou tão entusiasmada quanto temerosa. Sentia-se honrada, mas envergonhada. Expressando fidelidade e obediência, respondeu ao anjo Gabriel: "Que aconteça comigo conforme a tua palavra" (Lc 1.38). Após o nascimento de Jesus, ela e José levaram o bebê ao Templo. Lá, Simeão, o ancião, profetizou que uma espada traspassaria a alma dessa mulher (Lc 2.35).

É lógico que, naquele momento, ela não tinha como prever o que tudo aquilo queria dizer. Ela não tinha como prever o nascimento em uma manjedoura, os anos de conflito e então a morte que lhe partiria o coração. Como Simeão estava certo! Se fosse para ter um filho, ela deveria ter também uma espada. Grandes privilégios trazem grandes aflições.

A primeira vez em que a espada foi cravada em seu coração foi quando bebês inocentes foram massacrados nas cercanias de Belém, devido ao medo que Herodes tinha do Messias (Mt 2.16-18). A pequena família escapou para o Egito, mas ela certamente sabia que fora por causa de seu filho que os soldados entraram nas casas e mataram os bebês na frente das famílias. A região inteira ficou em prantos. Maria e seu filho foram a causa de tudo isso.

A espada penetrou novamente quando ela e sua família ouviram os boatos de que seu filho havia sido concebido de forma ignominiosa. Ela ouviu a zombaria, as ofensas e as ameaças. Soube que tentaram empurrar seu filho de um penhasco em Nazaré. Soube também que ele era perseguido como um camundongo por um falcão. E como sabia que ele era inocente — perfeito em todos os sentidos —, a injustiça disso tudo pesava-lhe na alma.

Imagine como deve ter sido criar Jesus em um lar judeu, comum e imperfeito! Podemos apenas imaginar as tensões existentes nas relações familiares. Os outros filhos, indubitavelmente, sentiam-se sempre inferiores ao irmão mais velho, que nunca desobedecia, nunca mentia —, resumindo, nunca pecava. Logo se deram conta de que não tinham como culpá-lo por suas travessuras! Maria conhecia sua perfeição, mas agora tinha de suportar os mal-entendidos, as chacotas e o desprezo que o afligiam. Ela sabia que seu filho estava realizando uma missão divina.

Por fim, na cruz, a espada partiu o coração de

Maria, penetrando-o profundamente. Quando o soldado, por fim, perfurou o lado de seu filho, foi como se uma espada tivesse retalhado seu coração de mãe. Ela, que havia beijado a testa da pequena criança, agora via a coroa de espinhos sendo colocada nele. Ela, que segurara as pequenas mãos enquanto ele aprendia a andar, agora via-as perfuradas por cravos. Ela, que o havia embalado em seus braços, agora via-o contorcer-se sozinho no depósito de lixo de Jerusalém. Ela, que o havia amado desde o nascimento, passava a amá-lo ainda mais na morte. Disse Arthur W. Pink: "Nunca um nascimento humano trouxe tanta alegria. Jamais uma morte desumana trouxe tanta tristeza".

Ela sabia que ele tinha poder para descer da cruz e sabia das legiões de anjos que estavam à disposição. Mas quando ele disse "Aí está o seu filho" e meneou a cabeça na direção de João, ela entendeu que ele a preparava para a morte. Os laços terrenos estavam desfeitos, e um novo relacionamento celestial estava para começar. Ele não mais seria seu filho, mas seu Salvador.

Maria sofreu em absoluto silêncio. Via a coroa de espinhos, mas não podia removê-la; via os cravos, mas não lhe foi permitido retirá-los; via os machucados, mas não podia aliviar a dor do filho com algum medicamento; ouvia o escárnio, mas não tinha como calar a multidão. Era sempre perigoso demonstrar ser a favor de um homem que os romanos considerassem digno de crucificação. Mas ela ficou ao seu lado, pois, embora fosse ridicularizado e tratado como criminoso, ela o conhecia melhor.

Ela ficou diante da cruz. Não desmaiou, não se curvou, não saiu correndo. Ficou e assistiu a tudo. Jesus havia falado dessa hora, o momento do qual não havia escapatória. Como mãe, restava-lhe apenas ficar ao seu lado, suportando uma dor intolerável. Ela é a mulher que os artistas retratam com um lírio branco entre as mãos,

mas já foi sugerido que o lírio branco estivesse salpicado com o sangue de um coração partido. Sim, a espada foi cravada no alvo mais sensível.

Ela teria, de bom grado, trocado de lugar com ele, mas não tinha como ajudá-lo a executar a redenção da humanidade. Ela conseguiria libertá-lo se tivesse ido às autoridades, argumentado que o que ele dizia não era verdade e que deveria ser absolvido por questões psicológicas. Ou, o que era ainda mais tentador, poderia ter simplesmente implorado por misericórdia. Mas ela não iria interferir no mistério da vontade divina.

Apesar de não conseguir entender, ela podia amar.

Por mais admirável que fosse como mãe, mesmo assim assumiu seu lugar ao pé da cruz, juntamente com os outros pecadores. Ela não estava lá para ajudá-lo a comprar a redenção, mas ela mesma estava sendo redimida pelo filho. No lindo poema denominado *Cântico de Maria,* composto logo depois que descobriu estar grávida, ela diz: "Minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, *meu Salvador"* (Lc 1.46,47; grifo do autor). Ela também precisava do perdão que seu filho estava comprando naquele momento.

O EXEMPLO DO FILHO

Jesus estava plenamente consciente da dor que havia causado à sua querida mãe. Ele a chamou "mulher", da mesma forma que fizera nas bodas, em Caná. Não queria desrespeitá-la, mas ela precisava lembrar que ele era divino, e ela, uma mãe deste mundo. Na verdade, não há registro de que ele a tenha chamado de "mãe". João referiu-se a Maria como a mãe de Jesus, mas o próprio Jesus jamais usou essa palavra, talvez para nos lembrar que ela fora apenas o veículo humano pelo qual ele entrou no mundo.

Por que Jesus não confiou sua mãe aos seus meio-irmãos — os filhos que Maria dera a José após o miraculoso nascimento virginal? (Eles são mencionados em Mt 13.55.) Por um lado, eles não estavam em Jerusalém, mas na região da Galiléia. Por outro lado, sabemos que, quando cresceram, não conseguiam aceitar que o irmão mais velho fosse o Messias. Quando seu ministério já havia começado, lemos: "Nem os seus irmãos criam nele" (Jo 7.5). Felizmente, sua crucificação e sua ressurreição fizeram com que mudassem de idéia, pois estavam no cenáculo, entre os que foram tocados pelo Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 1.14). Portanto, naquele momento, ele a confiou a um novo "filho", João.

RESPONSABILIDADE DE DISCÍPULO

Quando Jesus foi preso, vemos que "todos os discípulos o abandonaram e fugiram" (Mt 26.56). Podiam até ter pensado que o amor que sentiam por Jesus suportaria qualquer tempestade e até mesmo a morte. Pedro pensava dessa forma (Mt 26.35). Naquela hora, porém, eles fugiram porque estavam escandalizados, tal como ele previra (Mt 26.31; arc). A palavra "escandalizado" significa "chocado". Para falar claramente, eles desertaram porque sentiam vergonha dele.

Tenho, freqüentemente, refletido sobre o que Satanás disse a Deus: "Um homem dará tudo o que tem por sua vida" (Jó 2.4). Pesquise nas páginas da história e ficará surpreso com o enorme valor que damos à vida física, em detrimento de nossos princípios e até mesmo de nossa alma. Muitos têm convicções profundas, mas não o suficiente para sofrer por causa delas. Não raro, pouca coisa já é o bastante para que nossa fé seja abalada — foi o que Pedro descobriu.

Mas a falha dos discípulos também foi uma questão

de providência divina. Isaías, sobre o Messias, predisse o seguinte: "Sozinho pisei uvas no lagar" (Is 63.3). Arthur Pink escreveu: "Cristo não deve ter o menor socorro ou consolo de nenhuma criatura [...] a fim de que seja deixado só, para combater a ira de Deus e dos homens".[5] Quando voltou, João aprendeu que quando alguém se aproxima da cruz recebe nova responsabilidade.

Um executivo disse-me certa vez: "Ninguém na empresa em que trabalho sabe que sou cristão". E continuou: "Prefiro assim, pois dessa forma não sou posto em um pedestal, não tenho de viver de acordo com esse padrão irrealista". Ele preferia viver longe da cruz, despercebido em meio à massa que freqüenta o bufê religioso dos dias de hoje. Incentivei-o a voltar para a cruz que ele dizia tê-lo resgatado. Exortei-o a vir com seus medos e culpas. E lembrei das palavras de Jesus: "Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos" (Mc 8.38). O cristão carnal deve retornar à cruz para receber sua incumbência. Ninguém pode se achegar à cruz sem vê-la como lugar de devoção abnegada. Viemos à cruz por desistir de nossos planos e ambições e para aceitar o manto que nos é dado por aquele que lá foi suspenso por nossa culpa.

Jesus não repreendeu João por este haver partido. Em vez disso, concedeu-lhe gloriosa honra quando retornou. Era apropriado que João tivesse o privilégio de cuidar de Maria, já que ele havia compreendido o amor de Cristo melhor que qualquer outro apóstolo. Três dias mais tarde, Pedro e João foram os primeiros a correr para o sepulcro. Pedro entrou e reparou na disposição organizada da mortalha. Então João entrou, e lemos que "ele viu e creu" (Jo 20.8). Isto é, soube que Jesus havia ressurgido dentre os mortos.

O que os discípulos fizeram com essa animadora

notícia? Voltaram para casa (Jo 20.10). Isso significa que João correu para casa a fim de contar a Maria que seu filho havia ressuscitado. Anos mais tarde, Jesus revelaria o livro de Apocalipse a João, quando viu a Jesus como o Senhor soberano. Que pensamentos devem ter passado pela mente de João ao se lembrar da época em que acompanhava Jesus na terra e da alegria de cuidar de sua mãe!

Se for verdade que Deus criou o mundo para que Jesus pudesse salvá-lo, ele estava, naquele momento, realizando a obra para a qual o mundo foi criado. Ali, na cruz do meio, o propósito de todas as gerações seria consumado. Ai, todos os desígnios de Deus iriam se reunir, montando um magnífico quadro das características divinas. Tanto o amor quanto a justiça de Deus seriam exibidos à vista de todos. Mas até mesmo em um momento como esse, Jesus não negligenciou as obrigações para com sua família na terra.

VIVENDO PERTO DA CRUZ

Se estivéssemos lá, a que distância ficaríamos da cruz? Perto ou a uma distância confortável? Será que a turba nos teria intimidado, ou teríamos, de bom grado, deixado que os furiosos agitadores soubessem que éramos seguidores do homem que estava suspenso na cruz do meio? Teríamos ficado por perto, ainda que a cruz nos custasse o mesmo que custou a Cristo?

Na cruz, assim como João, somos convidados a assumir o lugar de Cristo no mundo. Quando Cristo orou, na noite anterior, disse: "Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo" (Jo 17.18). Algum tempo antes disso, ele ensinou aos seus discípulos: "Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu

discípulo. *E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo"* (Lc 14.26,27; grifo do autor).

Você teria tomado conta de Maria se Jesus lhe tivesse pedido? "Mas é claro!", você dirá. Mas como podemos ter certeza? Temos essa mesma oportunidade todos os dias. Quando Jesus foi interrompido por um homem que queria lhe dizer que sua mãe e seus irmãos procuravam por ele, Jesus fez uma espantosa declaração. '"Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?' [...] Então olhou para os que estavam assentados ao seu redor e disse: Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe'" (Mc 3.33-35).

Somos irmãos, irmãs e mães de Jesus! As viúvas necessitam que o filho de outra pessoa tome conta delas. Mães solteiras precisam de pais substitutos para seus filhos. O doente e o incapacitado precisam ser visitados e cuidados com o mesmo espírito que o próprio Cristo os assistiria. "Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram" (Mt 25.40). Nossos pais precisam do mesmo cuidado carinhoso que proporcionaríamos à Maria. Somos seu corpo, suas mãos, seus pés.

Há algum tempo, li a história de uma mulher que havia sido abandonada pelo marido por causa de outra mulher. Quando o divórcio foi concluído, o volúvel marido casou-se novamente e teve vários filhos com a nova esposa. Quando adoeceu com câncer, ele sabia que a segunda esposa não seria capaz de cuidar de seus filhos. Conhecendo a profunda misericórdia que havia no coração da primeira esposa, pediu que ela os adotasse e educasse como se fossem dela.

Por incrível que pareça, ela aceitou o desafio. Quando lhe perguntavam como se sujeitava a educar de forma tão carinhosa os filhos do marido adúltero, ela respondia: "O amor de Deus me deu a graça de perdoar e

aceitar os filhos dele como se fossem meus".

Imagino Jesus dizendo: "Mulher, aí estão seus filhos", e depois: "Crianças, aí está sua mãe". Os gemidos de Cristo na cruz devem preencher os ouvidos de todos os que ministram a Palavra nesta época de lares desfeitos. E muitos já descobriram que os laços espirituais são ainda mais fortes que os laços de sangue na formação de relacionamentos. A compaixão exercida com o sacrifício do próprio ser é, acima de tudo, sinal inconfundível da presença de Cristo. Acatemos o pedido de Jesus quando ele nos disser "Tome meu lugar até que eu volte".

Como é fácil cantar:

> Jesus, mantenha-me próximo à cruz,
> Lá, há uma preciosa fonte
> na qual todos têm acesso — uma corrente que cura, fluindo do calvário.

Salomé, mãe de João e Tiago, estava diante da cruz naquele dia (ela é mencionada como irmã de Maria em Jo 19.25). Foi ela quem pediu que seus filhos, Tiago e João, tivessem o privilégio de governar no Reino que estava por vir. Naquele dia, ela aprendeu que não podia haver egoísmo ao pé da cruz. Dietrich Bonhoeffer escreveu:

> Quando Cristo chama um homem, ele o convida a vir e morrer. Pode ser uma morte semelhante à dos primeiros discípulos, que tiveram de deixar a casa e segui-lo, ou pode ser uma morte como a de Lutero, que teve de deixar o monastério e partir para o mundo. Mas é sempre a mesma morte — a morte em Jesus Cristo, a morte do velho homem ao ser

chamado [...] Somente o homem que está morto para os próprios desejos pode seguir a Cristo.

A cruz esmaga toda a auto-exaltação. Lá estando, com o coração aberto, temos apenas uma pergunta: "Como conseguirei ser suas mãos e seus pés neste mundo?".

Que contraste se podia ver do lado de fora de Jerusalém naquele dia! De um lado, a redenção era comprada para os que Deus iria redimir. Do outro, os soldados matavam o tempo com jogos tediosos, aguardando o término do suplício. Os que amavam a Jesus estavam absolutamente desesperados. Os que o odiavam alegravam-se com a vingança. Os céus pairavam sobre a cruz, aguardando o pagamento pelos nossos pecados. Mas o inferno também estava lá, com sua crueldade, sua indiferença e suas trevas.

Assim como os soldados, existem os que ainda apostam a vida à sombra da cruz. Conhecem Jesus — alguns aprenderam sobre ele no próprio lar ou na igreja. Mas não é a proximidade da cruz que nos tornam fiéis. Em alguns momentos, foram exatamente as pessoas mais próximas de Cristo que o rejeitaram de maneira mais determinada.

Tomemos nosso lugar ao lado dos que se curvam humildemente e aceitam a responsabilidade que a cruz coloca sobre cada um de nós. "Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo" (Gl 6.14).

4. UM BRADO DE ANGÚSTIA

"Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"
Mateus 27.46

Somente na cruz podemos ver o amor de Deus de maneira absolutamente clara. Vemos sua maior iniciativa para nos alcançar, seu mais forte desejo de nos resgatar. O próprio Deus veio para o lado do abismo em que estávamos, disposto a sofrer conosco e por nós. No Gólgota, seu amor irrompeu sobre o mundo com brilho e claridade inconfundíveis. Por fim, temos razões para acreditar que houve um verdadeiro encontro entre Deus e o homem.

Na cruz, a imutável santidade de Deus e seu amor ilimitado entraram em conflito, e, com um grito de angústia, fomos salvos. Nela, encontramos o pecado com todo seu horror, e a graça, com toda sua maravilha. Os primeiros três brados da cruz foram emitidos à luz do dia. Mas nesse momento o sofrimento do Criador foi envolto por trevas. Esse brado de abandono, como é chamado, ocorreu apropriadamente no meio das sete frases. É ele que nos faz adentrar o mistério de nosso Deus sofredor.

"Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"(Mt 27.46; Mc 15.34).

Antes de meditar nessas palavras, devemos fazer uma pausa a fim de nos certificar de que não temos uma compreensão errônea do relacionamento existente entre o Pai e o Filho. Como vamos falar do Deus Filho oferecendo sacrifício a Deus Pai, poderíamos ter a impressão de um

bondoso filho convencendo um pai relutante a fazer algo com relação ao problema da humanidade, o qual concorda de má vontade.

Mas não é assim.

A Bíblia, efetivamente, diz que Cristo foi "castigado por Deus, por Deus atingido e afligido" (Is 53.4). Mais à frente, está escrito que "foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer" (Is 53.10). Entretanto, a imagem de um Deus colérico, exigindo cada centavo de pagamento de um Cristo submisso, pode distorcer nossa compreensão do Todo-Poderoso. Se não formos cautelosos, podemos considerar o Filho amoroso, e o Pai, cruel e insensível.

Essa noção desfaz-se diante do amor de Deus. Na verdade, a obra salvadora de Cristo começou no coração do Pai. O versículo mais conhecido da Bíblia nos ensina que "Deus tanto amou o mundo..." (Jo 3.16). E Zacarias disse que Cristo veio "por causa das ternas misericórdias de nosso Deus" (Lc 1.78). Temos acesso à salvação porque nosso Pai é um Deus redentor, que nos ama. O Pai e o Filho tiveram juntos a iniciativa da salvação. John Stott escreveu:

> Logo, não devemos falar de algo como: "Deus castigou à Jesus, ou Jesus convenceu a Deus. Fazê-lo seria colocá-los um contra o outro, como se agissem de maneira independente um do outro, ou mesmo em conflito entre si [...] O Pai não impôs ao Filho um suplício que ele estava relutante em aceitar nem o Filho convenceu o Pai de uma salvação que ele estivesse relutante em conceder.

Cristo não morreu para que o Pai se tornasse amoroso, pois ele nos amou desde a fundação do mundo.

A vontade do Pai e a vontade do Filho combinam em um amor abnegado e perfeito. Se o Pai deu às costas ao Filho na cruz, foi porque ambos concordaram em que deveria ser assim, para que nossa redenção fosse comprada. Era uma odiosa necessidade.

Não podemos deturpar a Trindade ao falar desse brado. Jesus clamou "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?", mas não devemos pensar que o Pai e o Filho se separaram em "essência" e "ser". Em outras palavras, quando o Pai abandonou o Filho, a Trindade não foi dividida em duas. Ocorreu uma interrupção no seu relacionamento, não a ruptura na unidade fundamental existente entre o Pai e o Filho.

Nós, mais uma vez, aproximamo-nos da cruz e ouvimos o brado de Jesus. Na cruz foram convergidas todas as forças do universo: *o homem* fez sua parte assassinando o Filho de Deus e mostrando a maldade de seu coração; *Satanás* fez a parte dele esmagando a semente da mulher e demonstrando ridícula hostilidade; *Jesus* realizou uma obra, pois morreu "o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus" (1 Pe 3.18); por fim, *Deus* fez a parte dele demonstrando sua justiça e seu amor, quando derramou sua ira sobre o Filho.[2]

Para que Deus nos abençoe, ele deve dar as costas a si mesmo. Sem nenhuma dúvida, devemos nos aproximar da cruz maravilhados.

O MISTÉRIO DAS TREVAS

De acordo com a tradição judaica, o período da manhã começa às seis horas. Então, quando lemos que Jesus foi crucificado na terceira hora, entendemos que isso quer dizer nove da manhã. Logo, ele ficou pendurado por três horas sob o sol da manhã, mas na sexta hora, ou seja, ao meio-dia, as trevas cobriram a terra. "E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da

tarde" (Mt 27.45). Com o Sol a pino, o mundo mergulhou nas trevas. Após três horas de luz, vieram três horas de escuridão. Não se tratava de um eclipse. O sol havia sido escondido por um ato sobrenatural divino.

E por que se fez noite ao meio-dia?

A escuridão está sempre associada ao castigo de Deus devido a um grande pecado. Nela, vemos o juízo de Deus sobre os homens perversos que trataram seu Filho com desprezo e crueldade. E, em uma acepção mais profunda, partilhamos com eles da mesma condenação, pois foram nossos pecados que puseram Jesus na cruz. Se viermos a amar o pecado, estaremos amando o mesmo mal que fez aqueles pregos serem atravessados nas mãos e nos pés de nosso Salvador. Assim como abominamos a faca usada para assassinar uma criança, devemos abominar o pecado que causou a morte de Jesus. A escuridão foi estabelecida por causa da culpa de todos nós.

Mas ainda há outro motivo para a escuridão. Ela representa o juízo do Pai contra o Filho. Naquelas horas de trevas, Jesus tornou-se legalmente culpado pelos nossos pecados e por eles foi julgado. Pense nisto: legalmente culpado de genocídio, abuso de menores, alcoolismo, assassinato, adultério, atividades homossexuais, ganância e coisas semelhantes. Nada mais adequado que manter encoberto aos olhos humanos o momento em que "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado".

Lembre-se de que, no Egito, a última praga antes da Páscoa foram "trevas tais que [podiam] ser apalpadas" (Êx 10.21). Naquele momento, imediatamente antes de o cordeiro da Páscoa ser imolado, as trevas estenderam-se sobre o mundo como uma manta. Somente quando ele morreu, a luz retornou.

> Bem que o Sol se escondeu nas trevas Encerrando toda sua glória Quando Cristo, o grande criador, morreu Pelo homem; pelos pecados de suas criaturas.[3]

Agora podemos investigar mais detalhadamente o relacionamento entre o Pai e o Filho.

O MISTÉRIO DA PERGUNTA

"Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"

Que diferença das experiências anteriores com o Pai!

No jardim do Getsêmani, Jesus teve um Deus que o fortaleceu. Na cruz, o mesmo Deus lhe deu as costas. No Getsêmani, ele podia chamar doze legiões de anjos que o teriam salvado rapidamente. Antes disso, afirmara que o Pai não o deixava só. Agora, o Pai lhe dava as costas. No Getsêmani, o Filho foi tentado a abandonar o Pai. Na cruz, o Pai abandonou o Filho.

Analisemos a questão.

Somente aqui, em todo o evangelho, Jesus se dirige ao Pai como "Deus". Essa mudança de tratamento significa quebra de comunhão entre o Pai e o Filho. Naquele momento, o Pai não parecia estar agindo como um pai. O sofrimento do Filho já era terrível, mas suportá-lo sem a presença do Pai aumentava o horror.

Esse brado é de tão difícil aceitação para nós que muitos acreditam que o Pai não abandonou realmente o Filho, mas que Jesus apenas *se sentiu* abandonado. Mas não devemos furtar o verdadeiro significado dessas palavras. Calvino estava certo quando disse que a alma de Cristo tinha de sentir todos os efeitos do juízo. "Se Cristo tivesse enfrentado apenas a morte física, isso teria sido inútil [...] Se a alma dele não tivesse sido afetada

pelo castigo, seria somente salvador de corpos". Por conseqüência, "ele pagou um preço muito maior e mais elevado ao sofrer os terríveis tormentos de um homem condenado e abandonado". Não se engane: tratava-se de verdadeiro abandono por parte do Pai.

"Abandonado." É uma palavra forte. Um homem abandonado por seus amigos. Uma esposa abandonada pelo marido. Uma criatura abandonada pelo criador. Um filho abandonado pelo pai. O Filho era amado pelo Pai desde a eternidade. A presença do Pai era seu único prazer. A ocultação da face do Pai era o gole mais amargo do cálice de tristeza que ele decidiu beber.

Mas, ele sofreu apenas como homem, ou também sofreu como Deus? Será que a natureza divina se manteve indiferente enquanto o Pai aceitava o pagamento que lhe era feito naquele dia de trevas em Jerusalém?

Dennis Ngien argumenta que um Deus que não pode sofrer é um Deus que não pode amar. Se Deus não pudesse sentir a dor de seu povo, seríamos tentados a dizer que Deus é indiferente aos nossos problemas. "Deus sofre", escreveu Dennis Ngien, "porque quer amar".

Talvez Bonhoeffer estivesse certo quando escreveu da prisão: "Somente o Deus que sofre pode [nos] ajudar".

Se apenas a natureza humana de Cristo sofreu na cruz, então não houve verdadeira Encarnação. Na verdade, isso levaria à conclusão de que apenas um homem morreu na cruz, e não um Deus-homem. Ele não podia sofrer como homem sem que sua natureza divina também sofresse. Também não posso acreditar que o Pai tenha permanecido indiferente e impassível. Como pais, sabemos que se víssemos nosso filho morrer, ele não seria o único a sofrer. Da mesma forma, nosso Pai celestial sentiu a dor do Filho amado. Deus teve de lhe dar as costas, para que ele sofresse o castigo por nossos pecados.

Não se esqueça de que o Pai não foi forçado a sofrer por circunstâncias além de seu controle. Deus *escolheu* sofrer. Ele *escolheu* redimir a humanidade pelo sofrimento de seu Filho. O Pai escolheu ser aceito por algumas pessoas e ser rejeitado por outras. Ele sofreu porque estava disposto a isso. Tinha diante dele um número infinito de possíveis mundos — nos quais não havia degradação, pecado ou necessidade de redenção. Ainda assim, escolheu esse plano, apesar de toda injustiça e dor. Somos chamados a crer que, da perspectiva da eternidade, seu plano era o melhor.

Se nós, que somos pecadores redimidos, consideramos aterradora a idéia de ser abandonados por Deus, pense no sofrimento do Filho, que por toda a eternidade havia estado ao lado do Pai. Imagine-o sendo abandonado! Sua santidade estava em contato com todo tipo de impureza. Ainda assim, vemos em seu brado confiança e esperança. Ele disse: *"Meu* Deus!*Meu* Deus". Ele ainda chamava o Pai de *"Meu* Deus". O Pai ainda lhe pertencia. A agradável comunhão havia terminado, mas o Filho estava absolutamente cônscio de que a presença do Pai retornaria. A retirada da presença do Pai não significava a retirada de seu amor. No fim do escuro túnel, havia luz. Poucas horas depois diria: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46).

"Foi um clamor de agonia, mas não de desconfiança", escreveu Pink. "Deus havia se apartado dele, mas note como sua alma ainda se apega a Deus". A angústia não pôde ser traduzida em palavras. Não é de admirar que Lutero, ao contemplar esse texto, tenha ficado aflito com esse mistério, exclamando: "Deus abandonando Deus. Nenhum homem pode compreender isso!".

Todavia, as trevas lembram-nos do horror e do mistério. Um mistério que homem algum pode entender.

O MISTÉRIO DO SILÊNCIO

"Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"

O clamor ecoa pelo céu silencioso.

Dois mil anos antes, Deus solicitou a Abraão que matasse seu filho Isaque sobre um altar erguido no monte Moriá. No entanto, quando a faca foi erguida, Jeová interveio. "Não toque no rapaz [...] Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho" (Gn 22.12). E assim, a vida de Isaque foi poupada. Mas a voz proferida no monte Moriá estava agora silenciosa, no Calvário.

Então, por que o Filho *foi* abandonado pelo Pai?

Os anjos, sem dúvida, buscaram uma resposta, pois têm profundo interesse nos assuntos relativos à nossa salvação (lPe 1.12). Os fariseus, que se encontravam a boa distância da cruz, não tinham capacidade de responder a isso. Os sacerdotes não tinham como compreender, nem os soldados romanos. O mesmo ocorre hoje em dia. Muitos não compreendem por que Deus esqueceria quem quer que seja, quanto mais o próprio Filho, a quem ele encarecidamente amava.

Para que a essência de toda a perfeição fosse abandonada pelo Pai; para que aquele que é a plenitude de Deus não pudesse ver a face do Pai — para isso deve haver uma boa razão. E encontramos essa razão no salmo 22. "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste? Por que estás tão longe de salvar-me, tão longe dos meus gritos de angústia? Meu Deus! Eu clamo de dia, mas não respondes; de noite, e não recebo alívio! *Tu, porém, és o Santo, és rei, és o louvor de Israel"* (SI 22.1-3; grifo do autor).

O Pai abandonou o Filho porque sua santidade o exigia. O profeta Naum fez uma pergunta que precisava ser respondida: "Quem pode resistir à sua indignação?

Quem pôde suportar o despertar de sua ira? O seu furor se derrama como fogo, e as rochas se despedaçam diante dele" (Na 1.6). Somente Jesus podia resistir à indignação do Pai contra o pecado. Somente Jesus podia suportar a ira que nós tão amplamente merecíamos.

Tenha em mente que Jesus era considerado por seus inimigos um grande pecador, mas o Pai o considerou ainda pior. Ou, mais exatamente, o Pai viu-o como aquele que levava sobre os seus ombros os pecados de muitos. Dessa forma, ele foi considerado culpado de crimes hediondos, foi amaldiçoado em nosso lugar, para que fôssemos libertos. "Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: 'Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro'" (Gl 3.13). Imagine Jesus coberto com o mal. Visualize seu pecado no peito de Jesus.

Não seria possível (apenas especulando), considerando que Jesus morreu para salvar da eternidade no inferno todos os que viessem a crer nele, que seu sofrimento na cruz fosse em certo sentido "eterno"? Ele certamente suportou o sofrimento do inferno, pois o inferno é escuridão e desamparo. É ser abandonado por Deus. Se foi assim, o horror do que ele experimentou está além de nossa compreensão.

Suponhamos que Jesus fosse apenas um homem — um homem perfeito, mas nada além disso. Ele poderia apenas ter se sacrificado por outra pessoa. Mas Jesus se sacrificou por muitos, então teve de resumir em apenas três horas uma eternidade no inferno. Da melhor forma que pudermos, devemos compreender que foi um sofrimento infinito para o infinito Filho de Deus. Não havia como transferir o pecado sem transferir o castigo. Falando claramente, ele estava recebendo o que era devido a nós. A ira do Pai ardeu sobre o Filho quando foi feito o acerto de contas. Pecados indescritíveis estavam em contato com santidade e justiça infinitas.

Agora podemos compreender melhor por que o "meio-dia" se tornou meia-noite. As trevas físicas simbolizavam a separação entre Cristo e o Pai, que é luz. Assim como os iníquos são lançados nas "trevas exteriores", o Filho suportou as trevas de nosso inferno. Stott escreveu: "Nosso pecados obscureceram o brilho de sol da face de seu Pai". Olhe para aquelas horas na cruz e estará olhando para o inferno: escuridão, solidão e abandono da parte de Deus. Isso explica por que ele teria preferido não beber desse cálice. Ao longo de toda a vida, sofrera nas mãos dos homens. Em determinados momentos, sofreu nas mãos de Satanás. Mas agora sofria nas mãos de Deus.

Ele foi abandonado nas trevas exteriores para que pudéssemos caminhar na luz.

O MISTÉRIO DO CORAÇÃO HUMANO

Vamos, mais uma vez, reconstituir a cena no Gólgota. A multidão que zombava tornou-se triste e inquieta durante as três horas de trevas. Era de imaginar que estivesse tremendo de medo, pensando, nervosamente, se a luz do Sol algum dia iria retornar. Afinal de contas, talvez aquele fosse o Filho de Deus.

Qual foi a reação deles? "Quando alguns dos que estavam ali ouviram isso, disseram: 'Ele está chamando Elias'" (Mt 27.47). Um homem, em um ato de compaixão, tomou uma esponja, embebeu-a em vinho e vinagre, prendeu-a em uma vara e ofereceu a ele. Mas os outros apenas disseram, com sarcasmo: "Deixem-no. Vejamos se Elias vem salvá-lo" (Mt 27.49). Não acredito que tenham confundido as palavras de Jesus. Até mesmo Mateus registra a versão em aramaico das palavras de Jesus, as quais eram compreensíveis para as pessoas em torno da cruz. O comentário sobre Elias foi feito para escarnecer.

Os judeus presentes deviam saber que o brado "Meu

Deus!" era uma citação de Salmos 22.1. O restante desse salmo descreve detalhadamente o suplício da crucificação. Os judeus não usavam a crucificação, mas apedrejavam os condenados à pena capital. E, como outra prova da fidedignidade das Escrituras, a crucificação e não o apedrejamento era o tipo de morte profetizada para o Messias.

O que teria sido necessário para que aquelas pessoas recuperassem o bom senso e aceitassem a Jesus como o Filho de Deus? Então sou obrigado a perguntar: "O que é necessário para que as pessoas que conheço caiam em si, no que se refere a Cristo?". Hoje, assim como naquela época, homens e mulheres endurecem o coração ao deparar com o que parece extremamente óbvio aos que estão abertos para a verdade. As credenciais de Cristo estão disponíveis a todos os que tiverem interesse. Quanto mais claro isso fica, mais duro tem de ser o coração do homem para não aceitar.

LIÇÕES TRANSFORMADORAS

Não podemos ousar deixar para trás esse sincero brado dos lábios de nosso Salvador sem apreciar suas implicações para nossa compreensão e adoração.

A principal finalidade da cruz não era para nós, mas para Deus. Sim, Jesus derramou seu sangue por nós, mas é ainda mais verdadeiro dizer que ele derramou seu sangue pelo Pai. Quando o sangue foi passado nos umbrais das casas no Egito, foi posto lá para o bem das famílias, mas também foi posto por Deus. Jeová disse: "Quando eu vir o sangue, passarei adiante..." (Êx 12.13). Não fazia a menor diferença se os membros da família tivessem cometido pecados grandes ou pequenos. Quando o anjo da morte via o sangue, a casa estava isenta do juízo.

A morte de Cristo foi um "sacrifício de aroma

agradável a Deus" (Ef 5.2). Paulo diz que Cristo morreu para demonstrar a justiça de Deus (Rm 3.25).

Deus manteve comunhão com os santos do Antigo Testamento, apesar de não ter havido acerto de contas pelos seus pecados. Poderia parecer que ele havia afrouxado seus critérios, fazendo vista grossa para suas transgressões. Então Jesus teve de morrer para demonstrar que Deus é justo. Ele não podia negligenciar os pecados, nem mesmo os de seus amigos mais íntimos (p. ex., Abraão). Sendo assim, o sofrimento do Filho foi planejado pelo Pai, como John Piper escreveu: "Jamais houve sofrimento semelhante até aquele momento, ou mesmo depois dele, pois com sua apavorante crueldade foi um sofrimento planejado. Foi planejado por Deus Pai e aceito pelo Filho".[9] Conta-se a história de um homem que foi levado ao juiz porque dirigia em alta velocidade seu veículo. A multa foi de cem dólares, mas o homem não tinha dinheiro para pagar. Por pura compaixão, o juiz fez o que não tinha a obrigação de fazer. Deixou seu lugar no tribunal, pôs a beca de lado, assumiu o lugar do réu, tirou uma nota de cem dólares e colocou-a sobre a mesa. Então voltou a pôr a beca, subiu os degraus até seu lugar, inclinou-se, pegou a nota de cem dólares que havia depositado e disse ao réu: "Obrigado! Você é livre para ir". Da mesma forma, Deus Filho pagou a Deus Pai por aqueles que aceitariam a dádiva da vida eterna.

Disseram-me que em uma igreja italiana existe uma pintura da crucificação com uma enorme figura indefinida por trás da imagem de Cristo. O cravo que penetra a mão de Jesus passa pela mão de Deus. A lança espetada em Jesus transpassa a Deus. Lutero dizia que se não fosse verdade que Deus morreu por nós, mas somente um homem, estaríamos perdidos.

Em um de meus hinos favoritos, Charles Wesley utilizou-se de palavras que não podem ser superadas quanto à compreensão da cruz e sua amplitude teológica:

E será possível que eu possa tirar proveito do sangue do Salvador?
Ele morreu por mim, que causei sua dor? Por mim, que o persegui até morte? Maravilhoso amor! Como é possível Que tu, meu Deus, morresses por mim?

Que tu, meu Deus, morresses por mim! Obviamente, Deus não pode morrer, se por morte entendemos algum tipo de aniquilação. Mas se a morte for definida como separação (para nós, a separação entre o corpo e o espírito), então Deus morreu, visto que o Filho foi separado do Pai. P. T. Forsyth escreveu: "Deus morrendo pelo homem. Não tenho medo dessa frase, não posso seguir vivendo sem isso. Deus morrendo pelos homens e por tais homens — hostis, homens maliciosamente hostis". E ainda: "[Deus] ou aplicava o castigo ou o assumia. Escolheu a última opção".

Lembremo-nos de que ele foi abandonado por Deus para que fôssemos aceitos por ele. Agarremo-nos a essa promessa: "Nunca o deixarei, nunca o abandonarei" (Hb 13.5). Paulo assegurou-nos de que nada nos separaria do amor de Cristo (Rm 8.35-39).

Jesus atravessou as trevas para que tivéssemos luz. Ele foi amaldiçoado para que fôssemos abençoados. Ele foi condenado para que pudéssemos dizer: "Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). Sofreu os tormentos do inferno para que desfrutássemos o céu com ele. "Ele penetrou nas terríveis trevas", escreveu Pink, "para que pudéssemos andar na luz; bebeu do cálice da angústia para que bebêssemos do cálice da alegria; foi abandonado para que fôssemos perdoados!". O pecado, como uma repulsiva serpente, agarrou-se a ele, mas ele suportou a picada por nós. Podemos esconder-nos atrás dos muros de sua graça e

sabermos que estamos a salvo da ira.

"Sem a cruz", escreveu Spurgeon, "haveria uma ferida para a qual não existe curativo, uma dor para a qual não existe bálsamo". O pecado sempre exige pagamento. Ou Jesus arca com nossos pecados, ou arcamos nós. Se o Pai desviou o rosto de seu amado Filho quando este foi considerado pecador, podemos ter certeza de que ele desviará seu rosto de qualquer pecador que comparecer perante seu tribunal por méritos próprios. Ou somos salvos pela sua rejeição, ou devemos suportar nossa rejeição por toda a eternidade. Se os que estão no inferno clamarem "Por que me abandonaste?", o céu permanecerá em silêncio, pois eles receberam a justa recompensa pelos seus atos.

Paulo descreveu a terrível experiência que espera os que não se abrigam sob a obra de Jesus na cruz: "Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder" (2Ts 1.9). Tente imaginar a separação eterna dele, que é a fonte de toda beleza e bondade, daquele que é a origem da vida e do amor. Cristo dirá: "Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!" (Mt 7.23).

Um homem que não tinha nenhuma consideração por Deus estava à morte em um pequeno abrigo. Com a aproximação de seus momentos finais, pediu à filha para assoprar a vela que estava sobre a mesa. Ela disse: "Não pai, você não pode morrer no escuro".

Mas ele respondeu: "Sim, eu morrerei no escuro".

Ele morreu da maneira que viveu. Viveu em trevas, morreu em trevas.

Para os que morrem em Cristo, as trevas já passaram. "Deus é luz; nele não há treva alguma" (1Jo 1.5). Vive na luz, morre na luz. Não é de espantar que o adoremos. Não é de admirar que nos submetamos a ele. Não é de espantar que o sirvamos. Fico satisfeito com o

fato de Charles Wesley não ter recuado em sua ousada afirmação:

Maravilhoso amor! Como é possível Que tu, meu Deus, morresses por mim?

5. UM BRADO DE SOFRIMENTO

"Tenho sede." João 19.28

Imagine a Água da Vida dizendo: "Tenho sede", Por volta de 1968, quando estudava em Israel, eu e alguns amigos subimos até o topo da fortaleza de Massada, sob um calor de quase 100 graus. Imagine a trilha que o antigo historiador Josefo descreveu como um "rastro de cobra", seguindo seu tortuoso caminho para cima, pela face de uma montanha muito alta. Subestimamos a quantidade de água que precisaríamos para a escalada de três horas. Nenhum de nós jamais havia experimentado, nem tornamos a experimentar depois daquilo, uma sede tão debilitante, selvagem e abrasadora.

Mas essa sede não pode ser comparada com a sede da crucificação, que é um longo processo de desidratação. A começar no Getsêmani, onde Jesus suou a ponto de derramar gotas de sangue, passando pela prisão e pelos julgamentos perante Anás e Caifás; a noite passada nas masmorras, com uma nova série de julgamentos ao longo da manhã; o açoitamento e a obrigação de carregar a cruz — um sofrimento dessa natureza esgotaria os líquidos de seu corpo. Então, durante seis horas, ele ficou pendurado na cruz sem ter acesso a qualquer líquido. Contaram-me que, em sueco, as palavras *sede* e *fogo* são análogas. Os que realmente já sentiram sede dizem que ela pode queimar como o fogo na boca.

Como é possível que o Criador dos rios e dos oceanos tivesse os lábios ressecados. Como é possível que a Onipotência estivesse sedenta? Como é possível que aquele que acalmou o mar com sua palavra ansiasse por

algumas gotas de refrigério? O sedento em questão possui todo o poder, nos céus e na terra. Ele fez milagres pelos outros, mas não realizou nenhum por si mesmo. Ele recusou-se a transformar pedras em pão quando estava faminto no deserto. Agora, na cruz, recusava-se a criar água para matar a sede. Ele já nos havia ensinado como viver. Agora ensina-nos como morrer.

Esta simples frase, "Tenho sede", possui uma infinidade de significados. Ele fala a todos os que têm sede, a todos os que têm desejos não realizados. As gotas que ele ansiava tornaram-se duchas de bênçãos para nós. Paremos para refletir sobre o que essas palavras significaram para ele e sobre o que significam para nós, seus seguidores.

A HUMANIDADE DE JESUS

A sede prova que ele era realmente um homem. Apesar de grande parte de nossa sociedade ter dificuldade para acreditar que Jesus era Deus, nós, evangélicos, lutamos para aceitar a humanidade dele por completo. Há algo de censurável em Jesus tornar-se completamente humano, a ponto de ficar sedento e cansado. Ainda assim, a Bíblia nos assegura que ele cresceu, que foi criança. Ele comeu, dormiu, bebeu e ficou cansado. Ele se encolerizou com a injustiça e, quando ficou cheio de compaixão, chorou.

A definição do Concilio de Calcedônia (451 d.C) afirma que Cristo era "verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem", com as duas naturezas unidas em uma única pessoa. Ele não era apenas uma manifestação de Deus, mas "verdadeiro Deus de verdadeiro Deus", como observa o *Credo niceno.* Ainda assim, era também homem, com corpo humano, alma e espírito. Como Deus, ele podia dizer: "Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!" (Jo 8.58). Como

homem, podia dizer: "Tenho sede" (Jo 19.28). Deus Pai não sente sede. Os anjos não sentem sede. Aquela era a sede de um homem que estava morrendo.

Não podemos deixar de pensar que sua sede não se resumia ao desejo físico de beber água. A provação a que foi submetida sua alma afetou seu corpo à medida que interagiam durante o sofrimento. "O coração bem disposto é remédio eficiente, mas o espírito oprimido resseca os ossos" (Pv 17.22). Pink disse: "Sua 'sede' era a *conseqüência* da agonia de sua alma, sob o calor ardente da ira de Deus".[2] A sede de Jesus expressava seu anseio de tornar a ter comunhão com o Pai, após três horas de terrível separação. Davi escreveu: "Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando poderei entrar para apresentar-me a Deus?" (Sl 42.1,2). A sede que Jesus tinha da presença de Deus deve ter sido maior que a sede por água.

A agonia de Jesus foi profetizada por Davi: "Como água me derramei, e todos os meus ossos estão desconjuntados. Meu coração se tornou como cera; derreteu-se no meu íntimo. Meu vigor secou-se como um caco de barro, e a minha língua gruda no céu da boca; deixaste-me no pó, à beira da morte" (SI 22.14,15). Ele conhece o significado da palavra "dor", não apenas como o médico que conhece uma doença, mas como o homem com lacerações e a boca ressecada. Os anjos, de bom grado, lhe teriam trazido água, mas ele suportou a desidratação.

Ele teve sede para que fôssemos salvos da sede eterna.

A SUBMISSÃO DE JESUS

Por que Jesus não criou uma pequena corrente de água no interior de sua boca sedenta? Por que se

incomodou em dizer "Tenho sede", quando lhe faltavam poucos minutos para morrer? A questão é que ainda havia uma profecia a ser cumprida. Vários séculos antes, Davi havia escrito: "Puseram fel na minha comida e para matar-me a sede deram-me vinagre" (Sl 69.21). Ainda não lhe haviam oferecido vinagre. Então Jesus, ciente de que esse detalhe não poderia ser ignorado, clamou, para que isso acontecesse: "Mais tarde, sabendo então que tudo estava consumado, para que a Escritura se cumprisse, Jesus disse: 'Tenho sede'" (Jo 19.28).

Um soldado atendeu ao chamado de Jesus, cumprindo a profecia. "Estava ali uma vasilha cheia de vinagre. Então embeberam uma esponja nela, colocaram a esponja na ponta de um caniço de hissopo e a ergueram até os lábios de Jesus" (Jo 19.29). Jesus talvez tenha sido crucificado a apenas meio metro do chão. Logo, teria sido fácil para um soldado colocar uma esponja na ponta de uma vara e segurá-la diante de sua boca. Esse vinagre era o vinho barato dos soldados, usado apenas para molhar os lábios, mas serviu para cumprir a profecia.

Ele não bradou "Tenho sede" para que sua sede devastadora pudesse ser saciada. Ele o fez para que as Escrituras pudessem se cumprir. Escreveu F. W. Grant: "Ele tem sobre si a terrível sede da crucificação, mas isso não é o suficiente para forçar seus lábios ressecados a falar. Mas está escrito: '... e para matar-me a sede deram-me vinagre' — isso levou-o a falar".[3] Cada detalhe, inclusive o tipo de bebida a ele oferecida, ocorreu de acordo com a profecia. O soldado não podia ter-lhe dado água nem vinho novo. Se a profecia pedia vinagre, era vinagre que devia ser.

Será que teríamos dado água a Jesus se estivéssemos lá? Sim, imagino que sim! Mas ele ensinou que temos este privilégio até mesmo hoje:

> Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber [...] Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram (Mt 25.34,35,40).

Se dermos um copo de água fresca a um membro da família de Jesus, o estaremos fazendo para o próprio Jesus!

A sufocante sede de Jesus diz-nos quanto ele era submisso à Palavra de Deus. Jesus se submetia ao que quer que estivesse escrito. Ele abraçou o plano com que ele e o Pai haviam concordado. Devemos perguntar-nos se estamos preparados para ser tão submissos a ele como ele foi ao Pai. Estamos dispostos a sofrer necessidades não satisfeitas, até mesmo sede sufocante? O conforto do qual desfrutamos é mais valioso para nós que a vontade do Pai? Nossa sede por Deus é tão grande quanto nossa sede física sob sol abrasador?

Todos nós já fomos privados de algo essencial. Uma viúva recente me disse não saber como seguir em frente sem o marido. Um homem, tendo sido passado para trás em sua herança, disse que não sabia como encarar o futuro sem o dinheiro que era seu por direito. Outro ficou furioso por lhe ter sido negada a assistência médica que acreditava merecer. No entanto, nada pode se comparar à privação de água durante a crucificação.

Já reparamos que não é preciso muito para rompemos nossa comunhão com Deus. Uma ligação desagradável, a necessidade de ignorar a refeição, dor física — tudo isso nos faz perguntar se Deus não nos abandonou. Murmuramos quando não dispomos de água, muito embora, mereçamos o cálice da ira de Deus.

Jesus era submisso à vontade do Pai, como está

registrado na Palavra de Deus. Não fazia diferença se isso lhe era agradável ou se trazia tormentos. A glória do Pai ofuscava todo sofrimento, dor ou injustiça. Paulo escreveu: "Cada um de nós deve agradar ao seu próximo para o bem dele, a fim de edificá-lo. Pois também Cristo não agradou a si próprio, mas, como está escrito: 'Os insultos daqueles que te insultam caíram sobre mim'" (Rm 15.2,3). Não é nossa vontade que importa, mas a de Deus.

A COMPAIXÃO DE JESUS

Já passei incontáveis horas tentando encontrar uma resposta inteligente para o problema do mal. Já li os melhores escritores que tentaram conciliar o sofrimento neste planeta com o amor e o cuidado de Deus pelo mundo. E quando deparo com uma resposta que faz sentido para minha mente, ainda assim ela não satisfaz meu coração, principalmente quando sou eu que estou sofrendo.

Sei que Deus me vê e que ele sabe todas as coisas — isso é um princípio básico da teologia. Mas o que realmente quero saber é se Deus sente minha dor. Estando ao pé da cruz, já não precisamos ficar matutando nisso. Jesus sentiu a dor da rejeição, a dor da injustiça e, também, a dor da sede.

> Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade (Hb 4.15,16).

Aqui vemos a prova de que Jesus não se mantinha à parte do sofrimento comum da humanidade.

Cristo entrou em nosso mundo e participou de nosso sofrimento. Ele caminhou em nosso planeta, comeu nossa comida, bebeu nossa água e sentiu nossa dor. O que quer que estejamos passando hoje, podemos estar certos de que Jesus passou por tudo isso e ainda mais. Deus entrou em nosso sofrido mundo.

Estamos passando por dores físicas? Lembremo-nos de sua sede ardente.
Nossa dignidade foi ofendida? Ele foi crucificado sem roupas.
Sentimo-nos como se estivéssemos em meio às trevas? Ele também sentiu.
Sentimo-nos abandonados? Ele foi abandonado pelo Pai.

Jesus, o Filho de Deus sem pecado, era, obviamente, perfeito. O curioso é que ele só podia ser perfeito em sua obra pela obediência à vontade do Pai. Para ser mais exato, a vontade do Pai tinha de incluir sofrimento. "Ao levar muitos filhos à glória, convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe, tornasse perfeito, mediante o sofrimento, o autor da salvação deles" (Hb 2.10). Se Jesus precisou sofrer para cumprir inteiramente a vontade do Pai, por que estaríamos isentos?

A SEDE, O SOFRIMENTO E VOCÊ

Um dos primeiros sinais de vida é a sede. Todos nós nascemos sedentos, como é do conhecimento de qualquer mãe de primeira viagem. Mas, assim como entramos neste mundo trazendo conosco a sede física, também

possuímos a sede espiritual embutida na alma. Nos idos do século XVI, Henry Scougal escreveu: "A alma do homem [...] traz consigo uma sede voraz e insaciável".[5] Somente quando nos entregamos a Deus essa sede pode ser saciada. Temos dentro de nós sede de comunhão, não apenas com as outras pessoas, mas com o Deus que nos criou. O que é compreensível, pois fomos criados para seu prazer. Alguns decidem extinguir essa sede com álcool, sexo, dinheiro ou poder. Outros vivem à base de medicamentos, porque não conseguem suportar a dor do próprio vazio. Outros ainda preenchem a vida com prazeres, tentando sobreviver pelo estímulo contínuo das sensações do corpo. Todos esses bebedouros dão a falsa ilusão de sustento, mas apenas contaminam o homem e o mantém afastado da verdadeira água. "Eles me abandonaram, a mim, a fonte de água viva; e cavaram as suas próprias cisternas, cisternas rachadas que não retêm água" (Jr 2.13). Quanto mais abastada a sociedade, mais essas cisternas rachadas seduzem os desatentos.

A questão não é se temos sede — pois todos temos —, e sim até quando teremos sede. Ficamos especulando sobre como se sentem os que estão no inferno. Se pudessem falar, o que diriam? Jesus contou uma história que demonstra como a sorte do rico e do pobre podem ser invertidas na eternidade. Havia um mendigo chamado Lázaro, que comia das migalhas da mesa do rico. Quando ambos morreram, o rico foi para um lugar de tormento; Lázaro, para um lugar de consolo. Na verdade, Lázaro, bendito seja, estava na companhia de Abraão.

Ora, o rico não tivera tempo para Lázaro quando estiveram juntos neste mundo, mas agora que estavam na eternidade, ele disse a Abraão: "Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo" (Lc 16.24). O que as pessoas que estão no Hades (em algum momento serão

lançadas no inferno) *dizem?* Atormentadas pelo fogo, gritam: "Estou com sede!".

Disse Matthew Henry: "Os tormentos do inferno são representados por uma violenta sede, na queixa do homem rico que suplicava por uma gota de água fresca em sua língua. Estaríamos todos condenados a essa sede eterna se Cristo não tivesse sofrido na cruz".[6] "Inferno" são os grandes desejos que não podemos satisfazer. São os inflamados desejos de líquidos dos quais o corpo precisa, sem que nem uma gota lhe seja possível. É lembrarmos da Água da vida que poderíamos ter desfrutado na terra e que poderia ter-nos levado ao céu. O inferno é um lago de fogo, lugar de sede eterna e inextinguível.

Felizmente, Jesus sofreu com os lábios ressecados para que pudéssemos beber das fontes da salvação. Ele suportou a sede do inferno para que o fogo fosse arrefecido para nós. Sobre os que estão nos céus, lemos: "Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede. Não os afligirá o sol, nem qualquer calor abrasador, pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima" (Ap 7.16,17).

Jesus bebeu do cálice da morte para que pudéssemos beber do cálice da vida. Ele sorveu o cálice da ira para que bebêssemos do cálice das bênçãos. "Conheça o Cristo sedento na cruz, e sua alma jamais tornará a sentir sede".[7] Tome agora um gole da água da vida, e irá desfrutá-la para sempre.

Warren Wiersbe disse: "Havia três cálices no Calvário". O primeiro lhe foi oferecido quando chegou à cruz. "Chegaram a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar da Caveira, e lhe deram para beber vinho misturado com fel; mas ele, depois de prová-lo, recusou-se a beber" (Mt 27.33,34). A palavra "fel" tem diversos significados. Nesse contexto, é uma erva venenosa,

possivelmente ópio. Esse cálice continha vinho misturado com fel, um sedativo que visava aliviar a dor. Era o cálice da *caridade,* que ele recusou.

O segundo cálice foi o da *compaixão.* Como já vimos, quando Jesus clamou "Tenho sede", um soldado embebeu uma esponja em vinagre, prendeu-a em uma vara e ergueu-a até ele. Aparentemente, a esponja úmida apenas lhe tocou os lábios.

Mas houve ainda o terceiro cálice, naquele dia no Gólgota — o da *iniqüidade,* que Jesus bebeu até o fim. "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres" (Mt 26.39). Então, quando Pedro puxou da espada para defender seu Mestre, Jesus repreendeu-o: "Guarde a espada! Acaso não haverei de beber o cálice que o Pai me deu?" (Jo 18.11). Era a taça da ira de Deus, cheia até a borda.

Isso explica por que ele se recusou a beber o lenitivo: queria beber todo o cálice, sem desperdiçar uma única gota. Esse era o cálice que ele temia, e ainda assim decidiu levá-lo aos lábios. Era o cálice da iniqüidade, bebido inteiramente, por você e por mim.

Tínhamos a morte e a maldição em nosso cálice.
O Cristo, ele estava cheio para ti!
Mas sorvestes até a última gota sombria,
E agora está vazio para mim.

No início de seu ministério, esse Jesus, que agora estava sedento, bradou: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva" (Jo 7.37,38). Ele podia prometer água viva à mulher que encontrou no poço, porque sabia que iria levar sobre si a sede daquela

mulher. "Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.13,14).

> Jesus em sua sede e dor Enquanto o sangue escorria por suas feridas Desejava ainda mais ganhar nosso amor: Ouça-nos, santo Jesus!
> E, ainda sedento por nós, em misericórdia Toda a sua obra sagrada cumpriu; Para satisfazer seu amor: Ouça-nos, santo Jesus!
> Que ansiemos por conhecer seu amor; Guie-nos por nossos infortúnios e pecados Para onde fluem as águas curativas: Ouça-nos, santo Jesus![10]

Não é de admirar que possamos ler no último convite que aparece na Bíblia: "O Espírito e a noiva dizem: 'Vem!' E todo aquele que ouvir diga: 'Vem!' *Quem tiver sede,* venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida" (Ap 22.17; grifo do autor). Os que se achegam ao que um dia teve sede jamais voltarão a sentir sede.

6. UM BRADO DE VITÓRIA

"Está consumado!" João 19.30

Todos nós nascemos com uma data de vencimento. Meu amigo Brandt Gustavson e sua esposa, Mary, estavam em um cruzeiro quando ele ficou doente e desembarcou no porto mais próximo para fazer exames. Foi-lhe recomendado que voasse de volta para os Estados Unidos o mais rápido possível, para que o diagnóstico fosse confirmado: câncer no fígado e no pâncreas. Os médicos deram-lhe dois meses de vida, e estavam certos. Brandt, sempre realista, escolheu usar as semanas que lhe restavam na preparação de sua empresa para uma transição imediata e para planejar o funeral. Ele não perdeu tempo pesquisando algum remédio exótico que lhe prometesse cura. Afinal de contas, se Deus não quisesse que ele morresse, teria impedido que tivesse câncer. Brandt ficou feliz em saber quando morreria, pois pôde dar e receber amor de seus familiares e amigos. Ele morreu, sem lamentações, tendo terminado seu trabalho.

Você e eu podemos não ser suficientemente afortunados a ponto de saber exatamente quando faremos a transição desta vida para a próxima. Mas, prontos ou não, a morte nos alcançará, gradual ou repentinamente. Naquele dia, eis a pergunta inevitável: "Será que terminamos o que Deus queria que fizéssemos, ou vivemos de acordo com nossos desejos, dando apenas rápida atenção a Deus?" Quantas oportunidades desperdiçamos e quantas tarefas deixamos inacabadas? E o que fizemos é o que será posto à prova no dia do Juízo? Por mais que desejemos nos isentar, seremos chamados a prestar contas.

É claro que esperamos poder dizer que terminamos o

que Deus nos deu para fazer. Mas somente Jesus pôde dizer essas palavras de forma absolutamente verdadeira. Ele morreu com a certeza de que sua missão havia sido eterna e perfeitamente cumprida. Morreu sem um único arrependimento. Não precisou de mais tempo para pregar mais um sermão, curar mais um paralítico ou multiplicar mais um pedaço de pão. Ele tinha apenas 33 anos, mas havia cumprido suas responsabilidades ao pé da letra. Qualquer outra coisa estaria além de seu chamado.

"Está consumado", o sexto brado, seguiu-se imediatamente ao brado de agonia, "Tenho sede", proferido logo após o brado de angústia: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" (Mt 27.46; Mc 15.34; Jo 19.28,30). Embora ele tivesse encerrado de forma traumática seus dias na terra, morreria com a satisfação de saber que o propósito de sua vinda fora cumprido com sucesso.

Nessas palavras, encontramos a certeza de nossa salvação, a convicção de que nossos débitos para com o Pai foram pagos por outra pessoa. É claro que Jesus ainda tinha de ser sepultado, ressuscitar e subir aos céus. Mas essa conclusão já havia sido determinada antecipadamente. A árdua responsabilidade do sofrimento, a terrível experiência de ser separado da presença do Pai, a dolorosa missão de ser tratado como pecador — tudo isso já era passado. Não havia mais nada que ele pudesse fazer por Deus na carne.

Um homem que estava à morte disse-me: "Vivi para mim mesmo durante toda a minha vida, e agora terei de defrontar-me com Deus". Assegurei-lhe de que Jesus morreu sem se arrepender de nada, para que ele pudesse perdoar o que lastimávamos. Ele completou sua obra para que, a despeito de nossa obra incompleta, pudéssemos entrar no céu. Ele alcançou os critérios de Deus para que pudesse compensar nossas deficiências. Obviamente, devemos viver toda a nossa vida em função

de Deus, mas, como aprendeu o ladrão agonizante, mesmo os que não têm boas obras para apresentar podem receber o dom da vida eterna.

A frase "Está consumado" é apenas uma palavra em grego: *tetelestai.* Charles H. Spurgeon, pregador do século XIX, disse que essa única palavra "precisaria de todas as outras palavras que já foram ou poderiam ser faladas para ser explicada [...] Ela é, *grosso modo,* incomensurável. Ela é elevada, pois não consigo alcançá-la. Ela é profunda, pois não consigo compreendê-la".[1] Não temos como compreendê-la, mas devemos tentar.

A palavra grega *tetelestai* vem do verbo *telco,* que significa "terminar, completar, realizar". Significa a conclusão bem-sucedida de um procedimento. Você pode usar essa palavra após pagar suas contas ou completar uma corrida. O servo que tivesse completado sua tarefa a teria usado para comunicá-lo ao seu mestre. Em resumo, significa que você terminou o que começou a fazer.

Repare que o verbo possui sujeito oculto. Em outras palavras, não nos diz, de forma específica, o que foi "terminado" ou "completado". Ainda assim, está claro que quando ele disse "Está consumado", o termo englobava toda a nossa salvação. O restante do Novo Testamento preenche os espaços em branco e revela o que precisamos saber sobre o que foi realizado durante aquelas seis horas na cruz. Ele pronunciou a palavra em voz alta (isso pode ser verificado nas passagens análogas de Mt 27.50 e Mc 15.37). Quis que todo o mundo ouvisse aquela palavra em especial, que ecoaria por vinte séculos. Ele não disse "É o fim", porque isso iria significar que ele havia sido morto e derrotado. Não, não era seu fim, mas o início de um novo capítulo em sua existência eterna.

Ao gritar *Tetelestai!,* Jesus deu o maior brado de vitória em toda história da humanidade. Ele afirmou que havia completado, com sucesso, uma grande e poderosa obra. A vida dele na terra estava encerrada, não como um

fracasso, mas como o clímax de um plano eterno. O roteiro havia sido escrito antes de seu nascimento em Belém, e agora a cortina estava a ponto de se fechar, com tudo em seu lugar (Lc 9.31; Jo 17.4).

É claro que temos de perguntar de maneira mais específica: "O que estava consumado?". Não limitemos essa palavra a apenas parte da missão, vejamo-la como o cumprimento do grande plano salvífico de Deus. Se Jesus não o tivesse concluído, estaríamos condenados. Felizmente, ele concluiu o que começou.

SEU SOFRIMENTO ESTAVA CONSUMADO

Não devemos nos esquecer de que Jesus nasceu para sofrer. Ele iniciou sua jornada sobre a terra em um humilde estábulo, em Belém. Seu berço foi uma manjedoura, e seu travesseiro era, provavelmente, feito de palha. Com doze anos de idade foi achado no Templo e disse: "Não sabeis que me convém tratar dos "negócios" de meu Pai?" (Lc 2.49; arc). E esses "negócios" iam além de pregar e curar: incluíam o pagamento do preço de nossa redenção. Suas atribuições exigiam sofrimento, conforme o cronograma firmado entre ele e seu Pai.

Ainda que seus amigos mais íntimos o aceitassem, a sociedade em geral considerava-o, na melhor das hipóteses, um incômodo, e, na pior, um agitador possuído pelo demônio. As autoridades religiosas queriam apedrejá-lo. Outros queriam marginalizar seu ministério em expansão com falsas acusações e ridicularizações. Os cidadãos de sua cidade natal, Nazaré, conspiraram para jogá-lo de um precipício, mas não conseguiram, porque o tempo ainda não havia chegado (Jo 7.6). A rejeição magoa.

Mas agora estava terminado.

Os poderes seculares de Roma não davam a menor

importância às suas crenças, nem os governantes se sentiam ameaçados por suas afirmações. Eles o viam apenas como uma ameaça à estabilidade da sociedade judaica, que estava sob constante controle e vigilância. Sentiram prazer em fazê-lo passar por uma série de julgamentos de fachada, e então realizar o trabalho sujo de crucificá-lo. O que importava era que as autoridades judaicas fossem apaziguadas, não que o veredicto fosse justo. A injustiça dói.

Mas agora estava terminado.

Já os discípulos declaravam lealdade, mas recuaram quando o compromisso se tornou custoso. Sabiam que era perigoso ser amigo de alguém que era odiado e que havia sido condenado e crucificado. Judas beijou sua face, mas nessa exteriorização de amor havia amarga traição. Os outros discípulos (com exceção de João) fugiram para se esconder, na esperança de não serem os próximos convocados para um compromisso no Gólgota. A covardia deles, quando Jesus mais precisava, trouxe tristeza.

Mas agora estava terminado.

Na cena do crime, vemos as longas pontas dos espinhos apertadas contra a cabeça de Jesus. Lembramos dos cortes em sua carne, quando foi amarrado a um poste e chicoteado. Lembramo-nos de como cambaleou sob o peso da cruz. Recordamos a crucificação com sua dor e crueldade. Pensamos na separação do Pai e na sede excruciante.

Mas, agora estava terminado.

Felizmente, seu sofrimento havia chegado a um termo. E, apesar de aqueles que o seguem sofrerem por diversas razões e de formas distintas, temos a esperança de que algum dia nosso sofrimento também terminará. Independentemente do que iremos enfrentar — seja nossa morte iminente, seja um fardo emocional

interminável —, um dia poderemos dizer: "Está consumado!". A mulher abandonada pelo marido, a criança abusada pelo pai, a pessoa que sofre de uma doença terminal — a estes, dizemos que suas feridas terão um fim. O que importa é termos suportado tudo com a firme convicção de que o sofrimento é parte do plano divino. Jesus sabia disso, e nós também devemos saber.

Não foi apenas o sofrimento de Jesus que chegou a um fim. Ele estava se referindo à obra realizada pelo seu sofrimento. A missão para a qual ele havia se preparado, em sua jornada do céu à terra, havia terminado.[2] Todos os detalhes haviam sido levados a cabo "de forma *completa e irresistível*" . O sofrimento não era uma finalidade em si mesmo. O tormento era uma parte necessária do propósito maior de Deus. Ele viera ao mundo para "[salvar] o seu povo dos seus pecados" (Mt 1.21). Nossa salvação agora estava assegurada.

O SACRIFÍCIO ESTAVA CONSUMADO

Na época do Antigo Testamento, o povo queria saber quando os sacrifícios terminariam. Os que morreram na fé acreditavam que ainda havia um último pagamento a ser feito pelos seus pecados. Na verdade, os sacerdotes do Antigo Testamento não podiam sentar quando estavam exercendo suas funções, o que simbolizava o fato de que o trabalho nunca terminava. Havia uma interminável corrente de sacrifícios, os quais purificavam o povo de forma cerimonial, mas não podiam purificar a consciência. Todos sabiam que o animal não podia substituir o ser humano. No Antigo Testamento, os sacerdotes ofereciam sacrifícios, mas Jesus foi tanto sacerdote quanto sacrifício. O pagamento dele cobriu o débito que eu tinha. Como disse Warren Wiersbe, "ele tomou minha falência e cobriu-a com sua liquidez". Ele não se limitou a dar uma entrada, esperando que eu

pagasse as prestações, "mas agora ele apareceu uma vez por todas no fim dos tempos, para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo" (Hb 9.26).

Na Antigüidade, quando o preço da compra era acertado e não ficava nenhum valor em aberto, escrevia-se *Tetelestai* no comprovante de venda, isto é "Quitado". Na cruz, a justiça de Deus foi plenamente satisfeita quando nosso substituto celestial pagou o elevado preço de nosso resgate. Como disse Spurgeon, podemos permanecer confiantes, a despeito do trovão da lei e do raio da justiça, "pois estamos a salvo sob a cruz".[4] Ele pagou o saldo de nosso pecado até o último centavo.

Isso significa que meus pecados estão em Jesus, e não em mim. Sim, existe pecado *dentro* de mim, mas não *sobre* mim. Minha natureza pecaminosa fica me atraindo para o pecado, e até mesmo em meus melhores momentos, meu trabalho é maculado por motivos egoístas. Mas, do ponto de vista legal, sou aceito por causa dos méritos de Jesus. Falando de forma figurativa, tenho vestes novas e uma ficha limpa no céu. As virtudes de Jesus foram creditadas em minha conta com êxito. A justiça de Deus gastou toda a sua munição. Não há mais nada que possa ser imputado a nós.[5] Quando, no dia da Expiação, o sumo sacerdote colocava a mão sobre o bode e confessava os pecados da nação sobre o animal, os pecados do povo eram legalmente transferidos para o bode. O animal então era solto no deserto, para nunca mais ser visto. Isso simbolizava o que Deus iria fazer. Graças a Jesus, "dos [meus] pecados e iniqüidades" (Hb 10.17) Deus jamais se lembrará.

> Jesus pagou por tudo,
> A ele tudo devo.
> O pecado deixou uma marca carmesim,
> Que ele lavou, deixando tudo branco como a neve.[6]

A DERROTA DE SATANÁS

"Está consumado!"

Esse brado significava que a semente da mulher havia triunfado sobre a repulsiva serpente. Jesus afirmou: "Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo" (Jo 12.31). A sentença fora proferida, muito embora não tivesse sido executada.

Como eu queria que uma câmara de vídeo tivesse registrado o drama que ocorreu no mundo espiritual, naquele dia, no Calvário. Uma batalha cósmica foi travada. O Diabo estava lá, Deus estava lá, Cristo estava lá e nós estávamos lá. Leia as palavras de Paulo, que as explicarei em breve:

> Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz (Cl 2.13-15).

Imagine um tribunal. Deus está lá e conhece melhor que nós a extensão de nosso pecado e de nossa culpa. O Diabo, nosso acusador, aparece para argumentar contra nós. Ele lembra a Deus que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Ele diz a Deus, de modo bastante convincente, que profanaríamos as moradas celestiais caso fôssemos admitidos em seus domínios sagrados. Ele diz que o Todo-Poderoso poderia ser acusado de se

associar com homens impuros, o que colocariam em dúvida a honestidade e a santidade de Jeová. O maligno também argumenta que devemos receber a mesma pena que ele. Se ele tem de sofrer eternamente pelo seu pecado, por que seríamos isentos, se também pecamos? Se o tamanho do pecado é determinado pela grandeza daquele contra quem é cometido, somos culpados de grandes transgressões.

Cristo entra na sala.

Paulo diz que as ordenanças que nos eram contrárias foram pregadas "na cruz" (Cl 2.14). Naquele tempo, quando um criminoso era crucificado, seu crime era proclamado publicamente. A lista de transgressões era escrita em uma tabuleta, a qual era pregada sobre o homem agonizante. Já vimos que Pilatos fez que o aviso "Jesus nazareno, o Rei nos Judeus", fosse pregado na cruz (Jo 19.19), indicando o crime pelo qual Jesus era acusado.

Esse foi o repertório de imagens usado por Paulo para nos ajudar a compreender a morte de Cristo a nosso favor. Ele quis que imaginássemos que, acima das palavras de Pilatos, havia um quadro no qual nossos pecados estavam listados. Embora ainda não tivéssemos nascido, os pecados que cometeríamos 2 mil anos mais tarde estavam registrados lá. A lista incluía tudo que Satanás havia dito a nosso respeito, bem como os pecados secretos que só eram conhecidos pelo Deus onisciente. Somente ele conhece a extensão de nosso pecado e a severidade da pena aplicável.

Quando Jesus disse "Quitado", o castigo que merecíamos foi cancelado. Se Deus ainda esperasse que pagássemos algo após Jesus saldar nosso débito, ele seria injusto. Nosso débito foi inteiramente pago, tanto que jamais será exigido pagamento adicional.

Deus destruiu os argumentos de Satanás ao nos declarar *perdoados.* Foi demonstrado que as acusações

eram fraudulentas. Deus, "tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público" (Cl 2.15). Assim como Saul foi despojado de seu trono e ainda perseguiu Davi por dez anos, Satanás nos persegue, apesar de ter sido derrubado por aquele que é maior que ele. Parece que, somente de nosso ponto de vista, existe um intervalo entre a vitória de Cristo sobre Satanás e a derradeira eliminação do inimigo derrotado. O raio e o trovão ocorrem ao mesmo tempo, mas vemos o raio antes de ouvir o estrondo. Do ponto de vista de Deus, tanto a vitória quanto o julgamento do Diabo já aconteceram na cruz. Vimos o raio e tão-somente aguardamos o estrondo.

Graças à derrota de Satanás, mudamos de reino, "pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado" (Cl 1.13). Se Satanás não pode nos destruir com a culpa, tenta nos destruir com o medo, em especial o medo da morte, mas isso é inútil.

> Visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte" (Hb 2.14,15).

Sim, lutamos contra Satanás nos dias de hoje, mas o resultado da luta já está definido. Não há dúvida quanto ao desfecho.

PECADORES SEGUROS DE QUE IRÃO PARA O CÉU

É certo que os crentes não devem nenhuma justiça a

Deus, pois a aceitação permanente da parte de Deus está assegurada. Na passagem de Colossenses já reproduzida aqui, lemos: "Ele nos perdoou todas as transgressões" (Cl 2.13). Quantos de nossos pecados estavam no futuro quando Cristo morreu? Naturalmente, todos eles. E o que acontecerá com os pecados que você cometerá amanhã e depois de amanhã? A resposta, como seria de esperar, é que, para os que crêem em Cristo, até mesmo os pecados futuros estão perdoados. Se não fosse assim, não teríamos como ter certeza de nossa salvação.

É claro que ainda precisamos confessar nossos pecados, não para manter a *condição* de filhos do Todo-Poderoso, mas para conservar a comunhão com o Pai. E, se não caminharmos obedientemente, seremos disciplinados. Mas para os que crêem, seus pecados foram legalmente cancelados. Podemos exultar na segurança de nossa salvação, porque fomos absolvidos completamente e para sempre. "Quando este sacerdote acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus [...] porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados" (Hb 10.12,14). Ainda que possamos chorar quando nos arrependemos de nossos pecados, nem mesmo lágrimas podem ser acrescidas à obra realizada por Jesus, pois esta é completa.

Escreva seus pecados em um livro contábil e registre "Quitado" do lado.

Um aborto: "Quitado"
Fornicação: "Quitado"
Traição: "Quitado"
Ganância: "Quitado"
Responsabilidades abandonadas: "Quitado"
Comportamento criminoso: "Quitado"
Egoísmo: "Quitado".

Se não mencionei seu pecado, você pode adicioná-lo. Verdade seja dita, não temos a menor idéia da quantidade de pecados que cometemos, pois não podemos nos recordar de todos nem reconhecê-los como pecados. E, obviamente, nosso maior pecado é o egoísmo, quando deixamos de seguir a seguinte ordem: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento" (Mt 22.37). Não é de estranhar que leiamos: "Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Rm 3.23). Felizmente, temos um Salvador real, que nos salva de pecados reais.

Não causa surpresa o fato de Jesus haver ensinado que o número de salvos será relativamente pequeno! Temos uma tendência tão grande a acrescentar nossa bondade ao que Jesus fez que é difícil compreender o milagre da graça. O caminho para o céu é estreito, e o caminho para a destruição é largo. Os que tomam para si a obra de Cristo têm a segurança de que seu destino eterno está garantido. Pois, se cremos que Jesus fez tudo que era necessário para que nos apresentássemos diante de Deus e aceitamos que ele morreu por nós, seremos salvos e sabemos disso. Alguém escreveu:

Sobre uma vida que não vivi
Sobre uma morte que não morri
A morte de outro — a vida de outro
Deposito a minha alma eternamente.

O conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1703-1791) tem as palavras que nos servem neste momento:

Corajoso serei naquele grande dia,
Pois sobre quem recairá minha acusação?
Destas, sou completamente absolvido:

Do pecado e do medo, da culpa e da vergonha.

O PAGAMENTO FOI ACEITO

Se o brado *Tetelestai!* era a satisfação dada pelo servo ao seu mestre sobre a situação de sua tarefa, então podemos estar certos de que o Pai concordou com o Filho em que a penitência havia sido realizada. Logo após o Filho ter dado o brado final, lemos: "Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram" (Mt 27.51). O caminho para Deus agora estava aberto. Em vez de ser restrito ao sumo sacerdote, que entrava no Santo dos Santos apenas uma vez por ano, o acesso a Deus agora era possível a todos os que chegassem por meio de Cristo. Com a barreira de nossos pecados derrubada, agora podemos nos aproximar mediante o sangue de Cristo (Hb 10.22; Ef 1.13).

Depois disso, Jesus foi posto em um sepulcro que pertencia a José de Arimatéia. Mas, quando os discípulos visitaram o local onde fora posto, descobriram que a pedra havia rolado e que o corpo de Jesus não estava lá! Mais tarde, ele revelou-se a eles, e eles se deram conta de que ele havia ressuscitado dos mortos. Essa foi a prova, caso fosse necessário ter uma, de que o Pai havia aceitado o sacrifício do Filho. Aquele era o Filho em quem o Pai se "agradava".

Quarenta dias mais tarde, Jesus subiu aos céus, partindo do monte das Oliveiras. Lá ele reina, não apenas por causa de quem é, mas também por causa do que ele realizou.

MEU APELO A VOCÊ

Se você, meu amigo, jamais recebeu Jesus como seu Salvador pessoal, recomendo que o faça neste instante. A

questão que você tem diante de si não é a grandeza de seu pecado, mas o valor do sacrifício oferecido por Jesus. Timothy McVeigh não estava além da salvação. Não dispomos de nenhuma evidência de que ele tenha aceitado a Cristo, mas se o fez, também foi salvo. Afirmamos isso com a mesma segurança que falaríamos de um santo comprometido com a obra de Deus. Obviamente, é melhor que você viva uma vida decente em vez de uma vida criminosa. Mas, no fim, é o pagamento feito por Cristo que salva, não nosso estilo de vida. Não há mais nada que possamos fazer, a não ser receber esse dom gratuito.

Se tentarmos acrescentar algo à obra de Jesus — rituais, penitências ou peregrinações —, na verdade nós a estaremos diminuindo. Philip Ryken nos adverte que assim como não podemos adicionar as letras *cl* à palavra *amor* sem alterar seu sentido (que nesse caso passa a ser *clamor),* nós, da mesma forma, não podemos acrescentar ao que Jesus fez nossas boas intenções ou boas obras. Acrescentar algo à dádiva de Jesus é destruí-la por completo. Deus não quer nosso mérito, e sim nossa *disposição* de aceitar o pagamento feito por Cristo a nosso favor.

Um homem disse-me com segurança assombrosa: "Quero comparecer na presença de Deus contando com meu histórico". Assegurei-lhe que seria como estar a cem anos-luz do Sol. A santidade divina o cegaria, e ele seria lançado, por toda a eternidade, em um inferno de humilhação e sofrimento individual. Seu castigo duraria para sempre, e ele jamais poderia dizer: "Está consumado!". Em vez disso, bradaria: *"Não* está consumado!". Jesus fez em seis horas o que nenhum ser humano seria capaz de fazer durante toda a eternidade. A justiça de Deus junto aos que rejeitam seu Filho jamais será satisfeita, pela simples razão de que somente ele pode satisfazer suas exigências.

A boa notícia é que não precisamos ajustar o farrapo que vestimos para transformá-lo nas finas vestes de linho da justiça de Jesus. Spurgeon perguntou: "Por que você iria acrescentar seu centavo falsificado ao caro resgate pago por Cristo na tesouraria de Deus?".[9] Não admira que cantemos:

> Para morrer, ele foi levantado "Está consumado", foi o seu brado; Agora no céu, ele é exaltado; Aleluia! Que Salvador!

Felizmente, os que confiam em Cristo têm a certeza de que "está consumado".

7. UM BRADO DE RESIGNAÇÃO

"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"
Lucas 23.46

Foram as últimas palavras.

Um missionário contou-me que, na cultura africana, os cristãos locais oram por uma "boa morte". Ao contrário do que possamos pensar, "boa morte" não significa morrer sem dor ou dignamente ou mesmo ter de necessariamente morrer em idade avançada. "Boa morte" é ter a oportunidade de reunir a família em torno de si nos últimos momentos e ter força para dar a todos um último "incentivo", para que levem uma vida piedosa e se preparem para a reunião no céu. A fé é transmitida quando o que está morrendo declara sua fé a quem está vivo.

Quais seriam *nossas* últimas palavras?

Se nos informarmos sobre como Jesus morreu, nunca mais veremos a morte com os mesmos olhos. Ele, que nos precedeu e mostrou o caminho, convida-nos a nos juntarmos a ele no mundo vindouro. As trevas foram dissipadas para sempre, o sofrimento estava acabado e ele agora podia finalmente entregar seu espírito nas mãos do Pai, para cuja agradável presença retornaria. Ele nos deixou de herança uma "boa morte".

O espírito é a parte mais nobre de nosso ser. Os animais possuem alma, mas somente os seres humanos possuem espírito, que torna possível a comunhão com Deus. Com a morte, nosso espírito partirá, seja para a luz do eterno dia, seja para as trevas da noite eterna. Jesus entregou seu espírito ao Pai, colocando-se em segurança sob os cuidados dele. E a boa notícia é que você e eu

podemos morrer com a mesma segurança.

Para onde foi o espírito de Jesus quando ele morreu? Seu espírito — com todos os seus desejos, aspirações e afetos — foi para o Pai no Paraíso, para também encontrar o ladrão que chegaria no fim daquele mesmo dia. Era seu espírito humano, ou melhor, o espírito do Deus-homem voltando à presença e à comunhão com Deus. Seu espírito se reuniria com o seu corpo três dias mais tarde, no momento da Ressurreição. Por isso, quando Paulo, em 1Tessalonicenses 5.23, suplica "Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis", é nossa integridade que é preservada. A semelhança de Jesus, nosso espírito será levado em segurança para o Pai, e mais adiante nosso corpo será ressuscitado.

Curiosamente, nenhum autor do Novo Testamento se contenta em dizer simplesmente que Jesus morreu. Todos dizem que seu espírito foi para as mãos de Deus. Eles querem que compreendamos que a morte de Jesus não foi o fim, mas o início de um novo relacionamento. Se aprendemos com nosso Mestre, estaremos prontos quando chegar nossa hora. Ele morreu com confiança e foi recompensado.

Nos tempos antigos, o batedor auxiliava o navio para que entrasse no porto em segurança. Ele pulava do barco e ia até o porto, atando o forte cabo do navio a uma rocha ao longo da costa. Então, com um guincho, o navio aportava. Esse é o simbolismo usado pelo autor de Hebreus, que vê Jesus como alguém que foi para o céu preparar o caminho para nós. "Temos essa esperança como âncora da alma, firme e segura, a qual adentra o santuário interior, por trás do véu, onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar" (Hb 6.19,20). Deixe as tempestades retalharem as velas; deixe o assoalho ranger; deixe as rajadas de vento tentarem nos tirar do curso — os salvos chegarão seguros ao porto. A cada dia,

somos puxados um pouco mais para perto do porto por aquele que provou ser mais forte que a morte.

ELE MORREU NA PRESENÇA DO PAI

Aqui na terra, Jesus viveu na presença do Pai, mas agora ele estava voltando para a glória e para uma comunhão mais íntima com o Pai. Seu último brado expressou a confiança de que ele seria bem recebido nas esferas celestiais. Já vimos que, durante as primeiras três horas na cruz, ele sofreu nas mãos dos homens, e, durante as últimas três horas, sofreu nas mãos de Deus. E foi a essas mesmas mãos que ele confiou o seu espírito.

Note que Jesus estava comprometido tanto a sofrer nas mãos do Pai quanto a se alegrar nas mãos dele. As mãos que lhe haviam trazido sofrimento, agora traziam alegria e alívio. As primeiras palavras de Jesus de que se tem notícia são: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" (Lc 2.49; arc). Agora que os "negócios" do Pai estavam concluídos, suas últimas palavras foram: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Do início ao fim, o Filho só se preocupou com uma coisa: fazer a vontade do Pai e cumpri-la. Ele fez que os discípulos conhecessem o nome do Pai e tornou-se pecado por aqueles que acreditariam nele. Nada foi deixado por fazer.

Jesus morreu enquanto meditava nas Escrituras. Quando o rei Davi foi caluniado e perseguido, ele exortou todos os que o podiam ouvir a serem fortes, ciente de que o Senhor os protegeria no momento de dificuldade. O Senhor era seu refúgio e não o envergonharia. Então exclamou: "Nas tuas mãos encomendo o meu espírito; tu me remiste, Senhor, Deus da verdade" (Sl 31.5; arc). E significativo que essas tenham sido as últimas palavras de Jesus, enquanto estava em seu corpo físico. Ele morreu com a certeza de que Deus tomaria conta do que

lhe confiava.

ELE MORREU SOB OS CUIDADOS DO PAI

Mesmo em seu último suspiro, Jesus ainda era Rei. Aquele que declarou que nenhum homem poderia lhe tirar a vida morreu com hora marcada e da maneira determinada. No Antigo Testamento, a instrução expressa sobre o momento em que o cordeiro da Páscoa deveria ser sacrificado era "ao pôr-do-sol" — de acordo com a tradição judaica, algo entre três e seis horas da tarde ("crepúsculo"; Êx 12.6; ara). Jesus foi crucificado exatamente no dia em que o cordeiro da Páscoa iria ser sacrificado (Jo 18.28). Às três horas da tarde, deu seu último brado, cumprindo seu papel de "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

Não nos devia causar surpresa o fato de que sua morte foi um ato voluntário, uma escolha feita por ele. Mateus não registra as últimas palavras de Jesus, mas simplesmente diz: "E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito" (Mt 27.50; arc). Ele tinha o espírito sob controle, até que o "entregou" voluntariamente ao Pai. Sua vida não lhe foi arrancada pelos sofrimentos da dor. O verbo pode ser traduzido por "ceder" ou "liberar". Essa expressão é mais adequada ao evangelho de Mateus, onde ele é apresentado como Rei.

Como Rei, Jesus estava sempre no controle. Estava no controle quando adormeceu no barco, quando os soldados vieram prendê-lo. Pilatos pensava que estava no controle, mas Jesus assegurou que o governador estava enganado. "Não sabe que eu tenho autoridade para libertá-lo e para crucificá-lo?", perguntou Pilatos. Jesus respondeu: "Não terias nenhuma autoridade sobre mim, se esta não te fosse dada de cima" (Jo 19.10,11). O poder de Pilatos era uma dádiva de Deus que podia ser retirada a qualquer momento. Somente aconteceria o que havia

sido acertado entre o Pai e o Filho.

João também registra que Jesus "rendeu o espírito" (Jo 19.30; ara). Ele entregou o espírito ao Pai, porque seu sangue já havia sido derramado, as profecias haviam sido cumpridas e o plano traçado estavam finalizados. Sua morte não foi um incidente, mas um compromisso. Ele continuou sendo seu próprio Mestre, não sendo vencido pela morte.

Jesus morreu de acordo com os propósitos da providência divina, não por causa dos caprichos de homens covardes. É exatamente dessa maneira que morreremos, você e eu. Não será conforme a vontade do câncer, nem por causa do trajeto irregular na rodovia devido a embriaguez, nem devido a uma penosa doença. Morreremos sob a zelosa mão dos cuidados da providência de Deus. Passaremos pela cortina de acordo com o relógio de Deus, não conforme o cronograma de uma sorte aleatória.

ELE MORREU NAS MÃOS DO PAI

"Pai, nas tuas mãos..."

Que magnífico significado está encerrado nessa expressão!

O poder das mãos! Por diversas vezes, Jesus disse que seria entregue nas mãos dos homens. Aos cansados discípulos no Getsêmani, disse: "Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantem-se e vamos! Aí vem aquele que me trai!" (Mt 26.45,46). Pedro disse que Jesus foi crucificado por "homens perversos" (At 2.23). Mãos perversas formaram a coroa de espinhos, pondo-a sobre a fronte de Jesus. Mãos perversas dilaceraram suas costas. Mãos perversas o esbofetearam. Mãos perversas o empurraram. Mãos perversas cravaram pregos em suas mãos e pés.

Mas chega o momento em que as mãos dos homens não podem fazer mais nada, e as mãos de Deus detêm o derradeiro poder de decisão. Quando Davi estava sendo perseguido pelos inimigos, ele percebeu que mesmo quando estamos nas mãos de homens perversos, estamos na verdade as mãos de Deus. "O meu futuro está nas tuas mãos; livra-me dos meus inimigos e daqueles que me perseguem" (Sl 31.15). Da mesma maneira, não estamos, em última análise, nas mãos de incidentes ou de enfermidades aparentemente aleatórias. Estamos nas mãos de Deus.

Jesus entregou-se voluntariamente nas mãos dos pecadores e, voluntariamente, entregou-se nas mãos de Deus. Cercado pelos que o odiavam; consciente de que até aquele momento ninguém havia se importado com as injustiças contra ele; sabendo que os discípulos haviam, na maior parte, desertado — nessas circunstâncias, ele pode contar com o Pai para receber seu espírito. Nas mãos do Pai, foi elevado a uma posição de autoridade, e hoje espera que seus inimigos sejam postos como tablado para seus pés.

Jesus ensina-nos que a morte é a porta pela qual somos admitidos na presença do Rei. Ele também nos lembra que é possível morrer ainda jovem e já ter cumprido a vontade de Deus. Quanto mais intimamente caminhamos com Deus, mais facilmente nos sentiremos seguros ao lhe confiar nosso espírito — o lugar em nós que é a morada do raciocínio, dos desejos, das preocupações e dos sentimentos. Sim, é óbvio que queremos ser enterrados, como prova de nossa crença na ressurreição. Independentemente daquilo que acontece com nosso corpo, o espírito pode voltar em segurança para casa. Haja o que houver, também seremos bem recebidos no santuário da presença do Pai.

Pragas e mortes flutuam ao meu redor,

Até que ele esteja satisfeito, eu não posso morrer;
Nem uma única seta pode me atingir
Até que o Deus de amor considere correto.

É certo que Paulo estava pensando nisso quando escreveu: "... porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia" (2Tm 1.12).

Se estamos nas mãos do Pai, também estamos nas mãos do Filho. No início de seu ministério, Jesus disse aos seus discípulos:

> As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um (Jo 10.27-30).

As mãos do Filho e do Pai estão em harmonia. Tranqüiliza-nos saber que estamos nas mãos de ambos, pois a mão do Pai e a do Filho estão entrelaçadas.

O sétimo clamor, esse grito de vitória, chega até nós através dos séculos. Jesus ouviu lhe dizerem para "salvar a si mesmo", mas ele perseverou e então voltou para o lar, junto do Pai. O pecado havia sido derrotado, a morte mostrara-se impotente. Existe uma tribo na África em que, quando morre um cristão, eles não dizem "Ele partiu", mas sim: "Ele chegou". E é assim que funciona. Os que crêem chegam ao lar preparado por Jesus.

A morte não é *o fim* da estrada, apenas uma *curva.* Em um avião, alguém me disse:

— Não acredito em vida após a morte. Não acredito que a alma sobreviva ao corpo.

Então respondi:

— Primeiro: você me colocou em um problema daqueles. Tenho de escolher entre sua visão, de acordo com a realidade moderna, e a opinião de Jesus. Não fique ofendido, mas fico com Jesus. Temos de insistir em que qualquer pessoa que não acredite que a alma sobreviva ao corpo está em conflito com Jesus, que tinha motivos para falar com autoridade: "Eu sou o Primeiro e o Último. Sou Aquele que Vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades" (Ap 1.17,18). Segundo: se seu espírito não for para as mãos de Deus a fim de ser protegido, irá para as mãos de Deus a fim de ser julgado. As mesmas mãos que falam de esperança e conforto também evocam terror e castigo. Estamos avisados: "Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!" (Hb 10.31). As mãos que atualmente estão estendidas nos convidando a receber sua misericórdia são as mesmas que lançarão os impenitentes no poço da solidão, do desespero e do fastio do sofrimento eterno.

Antes que Timothy McVeigh fosse executado, ele disse que teria muita companhia no inferno. Uma mulher entrevistada concordou que ele teria a companhia de pessoas como Hitler e Stalin. Ela estava absolutamente correta, mas é errado pensar que somente os criminosos serão punidos por toda a eternidade. O inferno estará cheio de pessoas que pagam seus impostos, se recusam a cometer imoralidades e jamais foram acusadas de um crime. Para resumir, todo aquele que não se colocar sob a proteção da justiça de Cristo acabará sendo separado dele e enfrentará um tormento consciente. Eis o porquê

de Jesus ter dito que o caminho para a vida eterna era estreito, e que "são poucos os que a encontram" (Mt 7.14).

Não se engane quanto a estar ou não nas protetoras mãos de Deus. Quando John Hus foi condenado pelo Concilio de Constança, em 1415, o bispo encerrou a cerimônia dizendo: "Nós agora confiamos sua alma ao Diabo". Mas Hus contestou: "Confio meu espírito em tuas mãos, Senhor Jesus Cristo. A ti rendo meu espírito, o qual tu salvaste". Hus, que era seguidor de Cristo e conhecia as boas-novas do Evangelho, sabia que nenhum homem pode nos confiar às mãos do Diabo, se nos rendemos às mãos de Deus. Hus foi queimado em uma estaca, vitorioso, sabendo que pertencia a Cristo e que Cristo pertencia a ele.

Talvez você esteja pensando: "Vou viver como quiser, e então, no último minuto, direi: 'Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito'". Não! Com raríssimas exceções, você morrerá exatamente da maneira que viveu. Se Deus não é seu Pai agora, certamente será impossível aceitá-lo como Pai conforme a morte for se aproximando. Estamos preparados para o céu quando abraçamos a Cristo como nosso Salvador, aceitando o que ele fez na cruz por nós. Somente os que crêem em Jesus podem confiar inteiramente seu espírito ao Pai.

Por fim, Deus não nos promete uma tranqüila passagem pela trilha da morte, mas uma chegada segura. Reveja mais uma vez as circunstâncias nas quais Jesus falou essas palavras. As pessoas ao seu redor o insultavam, negando-lhe a serena contemplação que todos queremos em nossos últimos momentos. Seu corpo estava machucado e ensangüentado. Ele estava desfigurado. As horríveis crostas dos ferimentos e as convulsões da desidratação deixaram-no irreconhecível. A dor entorpecia seu corpo, e, por um momento, a presença do Pai o abandonou.

Ainda assim, seu espírito foi conservado. Já vi homens fortes definharem, chegando aos 45 quilos, enquanto o câncer lhes devastava o corpo. Já vi pessoas tão desfiguradas por acidentes de automóveis, a ponto de a família não ter permissão para ver o corpo. Li a história de um fazendeiro que foi apanhado por uma máquina agrícola e feito em pedaços.

No entanto, alguns realmente morrem pacificamente em um quarto de hospital, em casa ou cercados por amigos. Multidões de pessoas, porém, morrem violentamente. Outros perdem-se no oceano ou morrem anonimamente em selvas distantes.

A promessa é que, independentemente de quão turbulenta for a morte, chegaremos em segurança ao nosso destino. Temos a convicção de que o espírito sobrevive ao corpo, e, graças à ressurreição, nosso corpo decadente ressurgirá em novidade de vida. No céu, seremos as mesmas pessoas que somos na terra. E óbvio que o pecado será removido, mas levaremos nossas lembranças para a próxima vida. Também estaremos lúcidos acerca de nossos vínculos sentimentais, amigos e parentes que tínhamos aqui.

Próximos da morte, a cruz nos será mais preciosa do que nunca. Pois se aceitarmos o Cristo que lá ficou pendurado por nós, jamais chegaremos realmente a morrer. Pois ele morreu não apenas para levar nossos pecados embora, mas para provar que a morte não domina sobre os que depositaram sua fé sobre o único que a subjugou.

> Visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida

estiveram escravizados pelo medo da morte (Hb 2.14,15).

Muitos santos morreram com as últimas palavras de Jesus nos lábios. Quando as pedras começaram a ser lançadas, Estêvão, o primeiro mártir cristão, orou: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7.59). Trata-se da única passagem do Novo Testamento em que lemos que Jesus estava "em pé, à direita de Deus", pronto para receber seu servo (v. 55). Ele está lá, esperando também por nós. Quando D. L. Moody morreu, ele disse: 'A terra recua; os céus se abrem para mim [...] Se a morte é isto, é algo agradável".[4]

"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito."

EPÍLOGO

LEVANDO A CRUZ PARA O MUNDO

É necessário uma igreja crucificada para apresentar um Cristo crucificado perante os olhos do mundo", escreveu W. E. Orchard. Nietzche, o famoso ateu, assim se referia aos cristãos: "Eu poderia acreditar em seu Salvador, se eles parecessem mais salvos!". A realidade pura e simples é que a mensagem do Evangelho deve ser comprovada diante do mundo, pela vida dos seguidores de Cristo. Não traz qualquer benefício apregoar que todos nós precisamos pregar a mensagem de Cristo. A menos que a vivamos, o mundo não terá nenhuma razão para acreditar.

O que Jesus queria dizer quando afirmou que precisávamos carregar nossa cruz? Ele certamente não estava se referindo às enfermidades comuns ou aos problemas normalmente associados à vida em si. Os não-salvos também passam por todas essas experiências. Acredito que a cruz que recebemos se refere aos problemas que não teríamos se não fôssemos cristãos. Ou, de forma mais positiva, carregar a cruz significa suportar nos ombros as dificuldades que temos por ser seguidores de Jesus. O mundo o odiou e também irá nos odiar. O mundo o matou e também tentará destruir todo aquele que quiser espalhar a mensagem de Cristo por meio de palavras e ações.

Se eu fosse discursar sobre o que significa carregar a cruz, outro livro seria produzido. Meu apelo a você é simplesmente este: visto que Jesus morreu de tal forma por você, não seria lógico que escolhêssemos viver nossa vida somente para sua glória, independentemente do

custo envolvido? Considerando que a cruz foi para ele um instrumento de sofrimento, não deveria também sê-lo para nós?

Jesus não salvou o mundo por meio de seus milagres. Milagres jamais serão permanentes. Até mesmo Lázaro teve de morrer segunda vez. Jesus, na verdade, transformou o mundo pelo sofrimento. Imaginamos que se tivéssemos o poder de realizar milagres, teríamos a capacidade de transformar o mundo. Cristo usou esse poder para transformar a vida de algumas poucas pessoas, mas quando quis realizar a obra maior — a grande obra da redenção — somente o sofrimento trouxe o resultado desejado. Sendo assim, devemos seguir a Cristo em suas fraquezas, para que possamos ser fortes. Disse Dietrich Bonhoeffer: "O cristianismo é a religião do sofrimento. O homem se lança nos braços de Deus e desperta no Getsêmani. Devemos depositar nossos sonhos mais caros aos pés de nosso Salvador crucificado".

Visto que Cristo morreu pelo que acreditava, não deveríamos seguir seus passos? Bonhoeffer também escreveu:

> A cruz é posta sobre todos os cristãos. O primeiro sofrimento de Cristo, que todo homem deve experimentar, é o convite a abandonar os vínculos com este mundo. A morte do velho homem ocorre em função de seu encontro com Cristo. Ao adentrar o discipulado, rendemo-nos a um Cristo que está unido à sua morte — entregamos nossa vida à morte. E dessa forma tudo começa. A cruz não é o fim terrível para uma vida que fora feliz e temente a Deus, mas ela nos encontra no início de nossa comunhão com Cristo. Quando Cristo chama alguém, ele o convida a vir e morrer [...] Somente o homem

que está morto para si mesmo poderá seguir a Cristo.

A cruz representa a grande "mudança de valores". Ela é testemunha perene do fato de que o que o homem odeia, Deus ama, e o que Deus ama, o homem odeia. A disposição de nos identificarmos com Cristo em nosso lar, no trabalho e em locais afins é sinal indispensável em uma vida resgatada. Ao nos ver, o mundo deveria ficar surpreso, desconcertado, sem ter como não reparar. Devemos viver como se fôssemos de outro país, com outro código de valores, outras ambições e outra interpretação da vida. Assim como Jesus era tanto amado quanto odiado, tanto obedecido quanto desprezado, devemos esperar o mesmo. "Lembrem-se das palavras que eu lhes disse: Nenhum escravo é maior do que o seu senhor. Se me perseguiram, também perseguirão vocês. Se obedeceram à minha palavra, também obedecerão à de vocês" (Jo 15.20).

A descida de Cristo do céu à terra representa o maior de todos os atos de benignidade. Ele tomou a ladeira que o levaria das alturas às profundezas. Se o representarmos bem, seguiremos seus passos.

Se formos tão egoístas quanto o mundo — se insistirmos furiosamente em nossos direitos, fazendo escândalo a cada insulto que recebemos — reais ou imaginários —, não seremos diferentes da cultura em que estamos inseridos. O mundo não fica impressionado quando o espinaframos com base em nossos interesses. Lembre-se de que, no fim, o que o mundo realmente precisa é ver Jesus.

A escolha do sofrimento, ou seja, a disposição de ser identificado com os pobres, os párias e os aflitos, é o que há de mais precioso para Deus. Durante o holocausto, Dietrich Bonhoeffer perguntou aos seus compatriotas alemães: "Quem Jesus Cristo é para nós?". Para eles,

eram os judeus. Para nós, Jesus Cristo poderia ser:

A criança abortada e o adolescente assustado que não sabe o que fazer.
A mãe solteira que precisa de alguém que proporcione a seu filho um vínculo masculino.
A criança mestiça que é ridicularizada.
O homossexual que, de tão acossado pela culpa, chega a pensar em suicídio.
O interno de um presídio.
A população de nossos bairros pobres.

Hoje, essas pessoas são Jesus Cristo para nós. Mas temos ainda nosso vereador, o presidente, o prefeito e o motorista de táxi. Nos dias de hoje, todos aqueles a quem criticamos sem pensar duas vezes são Cristo para nós. Precisamos assumir nossa posição e aceitar o papel de servos. Devemos estar dispostos a morrer para que os outros possam viver.

O bispo Samuel, que morreu em meio a um tiroteio junto com Anwar Sadat do Egito, no início da década de 1980, contou ao dr. Ray Bakke como o cristianismo conquistou a África do Norte nos primeiros séculos: graças ao amor dos cristãos, que desafiava qualquer explicação. Por exemplo: naqueles dias não existiam os procedimentos do aborto, então as crianças indesejadas eram simplesmente abandonadas na rua para morrer. E, uma vez que não existiam mamadeiras, as mães que amamentavam se reuniam na praça da cidade. Havia então as "corridas de bebês" — jovens rapazes que saíam procurando crianças abandonadas. Elas então eram trazidas às amas-de-leite, que as adotavam como se fossem delas.

Os cristãos, desprezados, eram freqüentemente recrutados como lixeiros. Quando encontravam um cadáver (quase sempre uma vítima da peste), lavavam o corpo e

lhe davam um enterro decente, argumentando que até mesmo os iníquos mereciam um sepultamento digno, em vista da ressurreição. Os pagãos ficavam impressionados com esses inexplicáveis atos de amor.

De fato, se temos a expectativa de que as pessoas creiam em nosso Salvador, teremos de parecer "mais salvos". E para parecer mais salvos, temos de seguir nosso Redentor até a cruz. Deixemos nossas armas de lado e abracemos a cruz, não apenas como meio de salvação, mas como estilo de vida. Somente então poderemos trazer esperança ao nosso mundo ferido.